



Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português  
e Línguas Clássicas - LIP

**CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NA FORMAÇÃO DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
ELEMENTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS**

ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA  
10/0039561

Brasília

2017

Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português  
e Línguas Clássicas - LIP

**CONTRIBUIÇÕES AFRICANAS NA FORMAÇÃO DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
ELEMENTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS**

ROBERTA PIRES DE OLIVEIRA  
10/0039561

Monografia em Linguística apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília, 2017

Dedico este trabalho e a conclusão do meu curso  
à minha mãe maravilhosa, Francinete.



## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues, por toda sua paciência, dedicação e carinho.

Aos meus pais e as minhas irmãs.

À Universidade de Brasília, por todos esses anos de aprendizado, mestres e amigos.

## Resumo

Este trabalho tem a finalidade de investigar a contribuição africana e afrodescendente na constituição do Português Brasileiro e identificar o campo no qual ela é mais expressiva. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa documental e de campo (entrevistas) em que foram utilizadas referências bibliográficas das mais diversas áreas no afã de atingir este objetivo. Em linhas gerais, enriqueceu este trabalho obras como “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro (1995), “Os africanos no Brasil” de Nina Rodrigues (2010), “Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma perspectiva Crioulística” de Ulisete Rodrigues (1999), “O Português no Brasil” de Antônio Houaiss (1992), “O português da gente” de Ilari e Basso (2006), “Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro” de Mattos e Silva (2004), “A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil” de Baxter e Lucchesi (1997), entre outros. As considerações finais que se obteve neste trabalho são as de que tanto, no campo linguístico quanto no cultural, (i) a contribuição africana é elemento fundamental para a compreensão dos fenômenos variacionistas que tanto caracterizam o português brasileiro como uma língua criada na efervescência do contato entre línguas e culturas que se encontraram e se fundiram nesse país continental; (ii) e os falantes cultos atuais do Português Brasileiro, graduandos e graduados, estão aos poucos perdendo a noção da formação de sua língua nativa e da expressiva e rica contribuição que nos legaram os primeiros africanos e toda sua descendência em solo brasileiro, sendo portanto, fundamental que novos estudos sociohistóricos e sociolinguísticos surjam nessa área.

## Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar la aportación africana y afrodescendiente en la contribución del Portugués Brasileño e identificar el campo en que es más expresivo, por lo tanto, se desarrolló una investigación documental y de campo (entrevistas), en las que se utilizaron referencias bibliográficas de las más diversas áreas en el afán de alcanzar el objetivo. En general, enriqueció este trabajo obras como "O povo brasileiro", de Darcy Ribeiro (1995), "Os africanos no Brasil", de Nina Rodrigues (2010), "Fonologia do português Mato-Grossense: Uma perspectiva criolística", de Ulisete Rodrigues (" (1999), "O português no Brasil", de Antônio Houaiss (1992), "O português da gente", de Ilari y Basso (2006), "Ensaio para uma socio-história do português brasileiro", de Mattos e Silva (2004), ), "A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil" de Baxter e Lucchesi (1997) entre otros. Las consideraciones finales que se obtuvieron en este trabajo son las de que tanto en el campo lingüístico como en el cultural, (i) la contribución africana es un elemento fundamental para la comprensión de los fenómenos variacionistas que mucho caracterizan al portugués brasileño como una lengua creada en la efervescencia del contacto Entre lenguas y culturas que se encontraron y se fusionaron en ese país continental; (ii) y los hablantes cultos actuales del portugués brasileño, graduandos y graduados, están poco a poco perdiendo la noción de la formación de su lengua nativa y de la expresiva y rica contribución que nos regalaron los primeros africanos y toda su descendencia en suelo brasileño, fundamental que nuevos estudios sociohistorios y sociolingüísticos surjan en esa área.

## Sumário

1. Introdução.....	8
2. Metodologia.....	11
3. Pressupostos Teóricos.....	15
3.1. Revisão da literatura .....	15
3.2. Conceitos Básicos da Sociolinguística e da Crioulística.....	22
3.2.1. Sociolinguística .....	23
3.2.2. Crioulística .....	26
3.2.3. Estudos envolvendo traços pragmáticos .....	30
4. Análise dos Dados .....	33
4.1.1. Contribuições Linguísticas dos Africanos e Afrodescentes ao PB.....	33
(a) Léxico-gramaticais - Palavras e Expressões .....	33
(b) Fonética-fonologia e Morfossintaxe: a questão da realização das vogais, a estrutura da sílaba e a questão da concordância de gênero e de número.....	36
4.1.2. Contribuições Culturais dos Africanos e Afrodescentes ao PB .....	40
4.1.3. Consciência das Contribuições - Entrevistas .....	42
5. Considerações Finais .....	45
APÊNDICES.....	50
ANEXOS .....	53

# 1. Introdução

Tudo começou no Brasil em 1500— o início de uma nova civilização. A terra avistada e habitada por índios começa a receber novos habitantes. No navio, portugueses e as tentativas de comunicação.

Após 50 anos da descoberta deste novo mundo e com o começo da escassez de mão de obra indígena, começou a comercialização dos escravos para o continente sul americano, o que já era lucrativo no continente europeu passou a ser lucrativo para a nova Colônia, o Brasil. A partir desse momento encontraram-se três diferentes culturas na nova terra: os índios, os portugueses e os negros de diversas partes da África.

Especialistas na história linguística do Brasil apontam que no início da colonização as línguas indígenas chegavam a cerca de 360 a 1.175 até 1.500 línguas (Mattos cita Rodrigues (1986) e Houaiss (1985)). Estudo feito por Aryon Dall'Igna em 2013, indica que existem apenas cerca de 199 línguas indígenas no Brasil.

As primeiras línguas indígenas que entraram em contato com os portugueses foram o Tupi-Guaraní, Tupinambá, Tupiniquim e o Tamoio, mas foi com o Tupi-Guaraní que os falantes do português entraram em contato imediato no processo de colonização.

No conteúdo histórico de Mattos e Silva (2004), a institucionalização do tráfico de escravos em meados do século XVI com duração até o século XIX, fez com que o número de escravos trazidos para o Brasil ficasse entre 4 a 14 milhões, trazendo com eles de 200 a 300 línguas africanas (Émile Bonvini e Margarida Petter, 1998)<sup>1</sup>. Mesmo com essa grande quantidade de pessoas a propagação das línguas africanas não obteve sucesso, pois os grupos étnicos culturais eram separados para evitar reações de revolta aos comerciantes de escravos. A grande maioria desses povos era da família sul-equatorial Banto e em seguida das línguas Benuê-kwa, do Oeste africano.

Nos estudos de Nina Rodrigues (2010), o autor cita Visconde de Porto Seguro, afirmando que os povos que mais entravam na Bahia, advindos do Congo, de Moçambique e da Costa da Mina em decorrência da facilidade de

---

<sup>1</sup> Mattos e Silva cita Émile Bonvini e Margarida Petter. Pág. 127. Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do Português Brasileiro.

navegação, e com a proximidade cultural de sua língua nativa Nagô, eram os que menos aprendiam o Português.

Com a miscigenação dos povos as línguas indígenas e africanas agregaram muitas influências à língua portuguesa brasileira, centrado nos aspectos lexicais que agregaram na distinção do Português Brasileiro (PB) para o Português Europeu (PE). Na língua indígena, generalizando o Tupi como “indigenismos”, e na africana a língua Banto como a de maior influência de empréstimos lexicais e morfológicos integrados ao português.

Mesmo estando os europeus em sua minoria em uma terra que pertencia aos índios, e com a maioria de africanos, a colonização se fez decisiva para que a língua portuguesa europeia se tornasse a principal, o convívio diário com os índios e os africanos fez a língua portuguesa receber influências lexicais e pragmáticas dessas diferentes culturas.

Após 517 anos da chegada de mais de 4 milhões de africanos ao Brasil, abordaremos neste trabalho quais as contribuições que tivemos da língua africana na formação da língua portuguesa brasileira, e quais aspectos permanecem em nosso dia-a-dia.

Este estudo tem, assim, o objetivo de investigar e identificar, em obras produzidas, as contribuições africanas que foram registradas no léxico, na gramática e na pragmática.

Para tanto, o estudo tem por base muitos e variados autores, como Antônio Houaiss (1992), Rodolfo Ilari e Renato Basso (2006), Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), Dante Lucchesi (1997), Ataliba Castilho (s/d), Raymundo Nina Rodrigues (2010), Darcy Ribeiro (1995), Alan Baxter (1997), Norma Lopes (ano), Marta Scherre (2007), Ulisdete Rodrigues (1999) etc., que versam sobre a questão dos africanos e afrodescendentes no Brasil.

Em linhas gerais, este é um trabalho de natureza exploratória, que pretende oferecer um panorama do cenário de contribuições registrados em estudos antigos e contemporâneos, todavia a contribuição atual espera acrescentar alguns elementos e contribuir para a discussão sobre a extensão e a influência da contribuição dos africanos e seus descendentes no Português Brasileiro. Ao final, como será mostrado mais detidamente na seção dedicada à metodologia (II), será feita uma breve pesquisa de opinião com a finalidade de

saber se os entrevistados têm o conhecimento da quantidade de influências africanas que carregamos em nosso cotidiano.

A questão de pesquisa deste trabalho é: como a contribuição africana pode ser sentida no Português Brasileiro? Em que campo ela é mais expressiva? Por quê? Como é avaliada?

Com a finalidade de proceder a essa investigação bibliográfica e de campo, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira:

A primeira parte trata da apresentação do contexto histórico da grande quantidade de africanos que chegaram ao Brasil e como estes influenciaram na criação do português brasileiro com seu variado dialeto africano.

Na segunda parte será abordada a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, que consistirá na realização da coleta de dados bibliográficos e entrevistas com pessoas da área de letras, falantes cultos de outras áreas e falantes da variedade popular para saber qual a noção que essas pessoas têm da contribuição da língua africana, além dos aspectos culturais, no Português brasileiro.

A terceira parte trata-se dos pressupostos teóricos, um breve resumo da literatura do começo do ambiente de pesquisa, a chegada dos africanos e a situação antiga e atual dos afrodescendentes.

A quarta parte do trabalho será a Análise das contribuições Africanas no PB no campo linguístico e cultural, e por fim, uma avaliação do que os falantes de hoje têm a dizer sobre o tema.

As considerações finais do trabalho tratam de questões relativas ao fato de os africanismos estarem presentes ou não no nosso cotidiano, bem como sugestões para futuras pesquisas.

## 2. Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva e exploratória, onde será realizada a coleta de dados bibliográficos e de entrevista de opinião com pessoas de diferentes níveis de escolaridade. O tema desta pesquisa pode ser estudado tanto na área Crioulística como na Sociolinguística, todavia, a pesquisa será concentrada nesta última corrente.

Esse estudo insere-se no campo da pesquisa variacionista que, na definição de Fonseca (2002, p. 20)<sup>2</sup>, centra-se na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera-se que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. Esse tipo de pesquisa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.

Para o desenvolvimento do estudo da coleta de dados, utilizaremos o modelo descritivo e exploratório. Para Gil (2002) as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Optamos também pelo modelo exploratório para proporcionarmos maior familiaridade do entrevistado com o português utilizado no dia-a-dia, e para que eles sintam-se à vontade para responder ao questionário de forma informal, considerando os traços linguísticos utilizados rotineiramente. Essa forma de pesquisa busca o levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram ou que tenham experiências com o problema pesquisado; e a análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007)<sup>3</sup>.

Para compreender o contexto da Sociolinguística, área em que se insere o tema estudado, seguiremos com os estudos de Alkmin (2003). Essa autora cita que Saussure (1916) divide o campo linguístico entre Linguística Interna e

---

<sup>2</sup> In: Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira.

<sup>3</sup> In: Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira.

Linguística Externa, dicotomia que dividirá de maneira permanente o campo dos estudos linguísticos contemporâneos em orientações formais e orientações contextuais, sendo esta última fragmentada em interdisciplinas como a Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística etc.

O termo Sociolinguística surgiu em 1964 em um congresso na Universidade da Califórnia onde participaram vários teóricos, como Gumperz, Haugen, Labov, Hymes, Fisher e José Pedro Roma<sup>4</sup>. Porém, foi no início do século XX que F. Boas (1911) e seus discípulos Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorf (1941)<sup>5</sup> constituíram a chamada Antropologia Linguística, resultado da integração entre linguistas e antropólogos trabalhando, lado a lado, em uma nova área voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística.

Em 1966, Bright<sup>6</sup> produziu um texto introdutório chamado “As dimensões da Sociolinguística” que define e caracteriza a nova área de estudo como a demonstração da covariação sistemática das variações linguísticas observáveis em uma comunidade, e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Segundo Bright, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. A Sociolinguística trata especificamente de linguagem e sociedade.

Bright (1966) estabelece um roteiro para as atividades de pesquisa a serem desenvolvidas na Sociolinguística, como a identidade social do emissor ou falante; identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto social; e o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.

Para enriquecer a definição da Sociolinguística, Alkmin cita autores como Bachmann (1981), Hymes (1962) e Labov, que observam que a Sociolinguística floresceu no momento em que o formalismo da gramática de Chomsky alcançou grande repercussão. Com isso constataram que de um lado havia a preocupação com as relações entre linguagem e sociedade, que tinham raízes históricas no contexto acadêmico norte-americano; e por outro, a consideração do contexto social é posta com grande vitalidade no campo dos

---

<sup>4</sup> In: Alkmin. Introdução à Linguística – Sociolinguística.

<sup>5</sup> In: Alkmin. Introdução à Linguística – Sociolinguística.

<sup>6</sup> In: Bright W. *As dimensões da Sociolinguística*. In: Fonseca. M. S. & Neves. M. F. (orgs ) Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

estudos linguísticos. Com a Sociolinguística surgem pesquisas voltadas para as minorias linguísticas, e para a questão do insucesso escolar de crianças oriundas de grupos sociais desfavorecidos (negros e imigrantes).

Alkmin (2003) define a Sociolinguística como o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Como ponto de partida, a comunidade linguística, conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação é existência de diversidade ou variação do emprego de diferentes modos de falar. A essas diferenças é dado o nome de variedades linguísticas, que por sua vez o conjunto de variedades é chamado de repertório verbal.

Alkmin conclui que a “Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Nessa direção, segundo a autora “qualquer tentativa de buscar aprender apenas oposições como “língua e fala”, ou competência e *performance*, significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico”. Concluindo que o aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

Partindo da definição da Sociolinguística, o presente trabalho será realizado com a coleta de dados feita por meio do levantamento de obras como “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro, “Os africanos no Brasil” de Nina Rodrigues, “Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma perspectiva Crioulística” de Ulisdete Rodrigues, “O Português no Brasil” de Antônio Houaiss, “O português da gente” de Ilari e Basso, “Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro” de Mattos e Silva, “A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil” de Baxter e Lucchesi, “A concordância de gênero no falar cuiabano: A trajetória de uma mudança linguística em curso” de Rachel Dettoni, “A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?” de Taddoni entre outros. Nesses autores, iremos coletar dados em livros, artigos e documentários, onde estão os elementos só de língua e os elementos culturais, sendo que de língua será coletado tanto a questão gramatical quanto a lexical, e na parte cultural será

explicada a parte sociohistórica e a parte cultural; a pragmática será observada apenas em relação a algumas atitudes comportamentais e traços culturais.

Estruturalmente, na apresentação de todos os dados coletados, será aplicada a técnica de catalogação desses dados em tabelas que serão apreciadas, comentadas e descritas no final do estudo.

Também será realizada uma pequena entrevista, como pode ser visto no modelo abaixo (1), com pessoas da área de Letras e falantes cultos de outras áreas em momentos formais e informais, sobre a variedade popular. O propósito é investigar se os falantes têm conhecimento de que a contribuição africana vai além da dança e da comida. Através da entrevista, também, será possível saber se os entrevistados reconhecem algum termo africano no Brasil utilizado no dia-a-dia e quais as reminiscências africanas, dentre estas, o conhecimento da gramática africana que moldou muitos fenômenos variacionistas no Brasil.

Abaixo, o modelo da entrevista:

- 1- Você tem conhecimento de como foi formada a língua portuguesa brasileira?
- 2- Sabe se existem influências de outras línguas/idiomas no Português brasileiro?
- 3- Se sim, sabe o exemplo de alguma palavra nessa(s) línguas?
- 4- Sabe o significado original da palavra?
- 5- Você identifica palavras africanas no cotidiano de sua fala informal?
- 6- Em sua opinião, qual região brasileira mais tem influências africanas no falar? Por quê?
- 7- Sabe se existe influência africana na forma brasileira de comunicação corporal, atitudes e demonstrações de afeto?

(Modelo 1)

### 3. Pressupostos Teóricos

Neste tópico, abordaremos um pouco mais sobre as obras que compõem a parte bibliográfica do trabalho, trazendo a revisão das principais obras que o compõem.

Em seguida, será explicado o conceito da Sociolinguística e da Crioulística, no primeiro sua diversidade de abordagem como variação e mudança e normas e preconceitos; já no segundo, os estudos sobre a crioulística, entre eles o Pidgin e o Crioulo.

Para finalizar este tópico, voltaremos à formação do Português Brasileiro e os estudos envolvendo traços pragmáticos registrados na literatura.

#### 3.1. Revisão da literatura

Como base para a sociohistória deste trabalho, utilizaremos o texto de Mattos e Silva (2004), *Ensaio para uma sociohistória do Português Brasileiro*. A autora buscou neste trabalho traçar uma pauta sintética de alguns dos trajetos de encontros e desencontros linguísticos no Brasil.

No texto de Mattos e Silva são observados os fatores sociohistóricos condicionantes na formação do PB, que para a autora tem a tentativa de compreender e explicitar a diferenciação do Português no Brasil em relação ao Português da Europa, dentre outros fatores, a sua complexidade em diversos contextos de interação linguística em solo brasileiro, na heterogeneidade de suas variantes regionais e sociais.

De início, Mattos e Silva recorda que a reconstituição da história do PB iniciou-se com os estudos de Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* em 1950, trabalho que foi completado por Antônio Houaiss em *O Português no Brasil* em 1985. Esses estudos enquadraram o PB no contexto multilíngue e multidialetal e atualmente apontam para o fenômeno da heterogeneidade linguística.

A autora apresenta ideias para a necessidade da reconstrução dos processos linguísticos e socioculturais que condicionaram a formação do PB, que, inicialmente, seria a divisão da história do português no Brasil em momentos distintos; em segundo, a exploração dos estudos sobre a

colonização portuguesa no Brasil e as consequências sofridas por esse processo.

Para a autora, o predomínio do Português como língua de colônia/majoritária a partir do século XVIII, torna o Brasil um país multilíngue, considerando a relação das línguas indígenas que chegava a cerca de mil idiomas, e as línguas africanas chegando a 300 idiomas.

Buscando analisar sintaticamente fatores sócio-históricos que considera significativos para a interpretação em uma reconstrução sócio-histórica, com o Projeto Nacional “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB) que possui pesquisadores que também fazem parte do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), ambos da Universidade Federal da Bahia, equipes estão buscando reconstruções parciais, para compor uma história geral do PB.

Os fatores abordados pela autora são:

1. a demografia histórica do Brasil do século XVI ao XIX;
2. a mobilidade populacional dos africanos e afrodescendentes no Brasil colonial e pós-colonial;
3. a escolarização ou sua ausência do século XVI ao XIX;
4. as reconfigurações socioculturais, políticas e linguísticas ao longo do século XIX.

No primeiro tópico sobre a demografia histórica do Brasil do século XVI ao XIX, a autora cita o estudo de Serafim da Silva Neto em que apresenta a primeira estimativa demográfica, chamado censo do Pe. José de Anchieta (1950[1575]:21)<sup>7</sup> em que a população existente no Brasil seria de 57.000 habitantes, nas últimas décadas do século XVI. Nesse censo, somando índios e negros, tem-se 32.000 não-europeus, a maioria.

Não tratando as contribuições indígenas menos importantes, mas, focando nas contribuições africanas, a autora relata que, como já citado anteriormente, a variação entre 4 a 14 milhões de escravos trazidos para o Brasil e entre 200/300 línguas africanas. Sendo os grupos étnicos culturais

---

<sup>7</sup> In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro.

separados para evitar reações de revolta, o que dificultou o estabelecimento das línguas africanas.

Quanto às línguas africanas, a autora cita A. Mussa (1991: 146):

“(...) o percentual de falantes *Bantu* foi sempre superior, e quase sempre maciçamente, em todo o período do tráfico. Isso nos possibilita entender de forma bastante clara por que são precisamente os itens lexicais de origem *Bantu* os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no português do Brasil...”.

Decorre de outros estudos que os africanistas brasileiros e estrangeiros afirmarem que os empréstimos lexicais das línguas Bantos são os mais numerosos e os mais morfológicamente integrados no português (Pessoa de Castro, 1980, 2001; Megenney, 1998, 2001; Mussa, 1991)<sup>8</sup>.

Seguindo com os dados, a autora afirma que os africanos e afrodescendentes estão no patamar de 60% da população do Brasil entre os séculos XVII ao XIX; tiveram que abdicar de suas línguas de origem e tiveram que aprender num processo de transmissão linguística irregular – na designação da crioula atual – a língua da colonização. Para Mattos, foi essa multidão sem voz que deu forma ao português geral brasileiro.

Sobre as contribuições africanas no Brasil, várias obras compõem o panorama de estudos que se tem feito sobre essas contribuições, como novamente Mattos e Silva, Antônio Houaiss, Hildo Honório do Couto, Dante Lucchesi, Ulisdete Rodrigues de Souza, Laura Álvarez López, Ataliba T. de Castilho, Gregory Guy entre outros.

A obra mais generalizante é a do Ataliba T. de Castilho (s/d) nota de rodapé chamada de *A hora e a vez do Português Brasileiro*, que apresenta vários linguistas que estudaram os processos de contatos linguísticos do Português Brasileiro, dentre eles estão: Adolfo Coelho (1880), Serafim da Silva Neto (1951), Chaves de Melo (1986), Révah (1963), Fernando Tarallo (1986), Gregory Guy (1981), Hildo Honório do Couto (1991), Alan Baxter e Dante Lucchesi (1997).

Nesta obra, Castilho apresenta estudos que começam da Lusitanização do Brasil (ocupação do território) ao Português do século XXI. Em um dos

---

<sup>8</sup> In: MATTOS E SILVA. \_\_\_\_

tópicos, ele aborda o tema: *Tentando entender por que o Português Brasileiro é como é*. Neste espaço, o autor mostra variados pontos de vista sobre a temática do crioulo.

Iniciando o assunto sob as perguntas: “*por que o Português Brasileiro é como é? Por que ele é diferente do Português Europeu, e como isso aconteceu?*” Castilho cita que o primeiro formulador dessa preocupação foi Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, num texto que ele escreveu para o *Atlas Etnográfico do Globo*, preparado por Adrien Balbi (1824-1825)<sup>9</sup>.

Para responder essas e outras perguntas, o autor cita três direções:

1. Já temos uma Língua Brasileira, que resulta da evolução biológica do Português Europeu.
2. O Português Brasileiro é como é por causa da influência das línguas indígenas e africanas, sobretudo destas. Ele deriva de um crioulo.
3. O Português Brasileiro é uma continuação natural do Português Europeu, refletindo hoje o que foi o Português Arcaico do séc. XV; de acordo com esta direção interpretativa, quem mudou foi o Português Europeu, depois do séc. XVIII, e nós ficamos na nossa.

O autor cita que os românicos respondiam afirmativamente que o PB representava uma evolução biológica do PE, fundamentando-se na identificação das línguas naturais aos organismos biológicos. Para eles, assim como a Língua Portuguesa tinha surgido de um Latim Vulgar na Europa, do mesmo modo surgiria o PB com o PE, como uma questão de evolução natural. Assim, também, o fenômeno teria sido favorecido pela influência das línguas indígenas e das línguas africanas.

Para o melhor entendimento dos linguistas antigos que acreditavam em um mecanismo biológico, Castilho cita Edith Pimentel Pinto, que esclareceu o ponto dando uma nova versão para a evolução da língua, onde diz (PINTO, 1978, págs. LI-LII):

Do trabalho imperceptível de alteração da língua, realizado pelo falante, cujo conjunto lentamente modifica o todo, decorrem variações de ordem geográfica e social, estas diretamente associadas à profissão, grau de educação, idade e classe social.

---

<sup>9</sup> In: CASTILHO, Ataliba T., A hora e a vez do Português Brasileiro.

Seguindo para o próximo questionamento — *O Português Brasileiro deriva de um crioulo?* – abordaremos a questão da criouliização (prévia) no PB. Para essa resposta, o autor inicia com a explicação de que, a partir deste momento, é de conhecimento que a língua não se fundamenta em uma percepção biológica, mas sim, na percepção social da língua, o que nós somos.

Trazendo uma perspectiva geral, o autor cita que variados linguistas que seguem essa linha estudaram os processos de contatos linguísticos dos portugueses com os índios e os negros, e com isso, descobriram que há duas fases de contato, a primeira fase é a Pidgin, e a segunda a fase é o Crioulo.

Para os interesses comerciais, as pessoas precisariam de uma língua de emergência para se comunicarem, com isso, nasceu o Pidgin, usada apenas para interesses comerciais. Essa palavra, segundo alguns autores, é uma alteração do Inglês *business*, “negócio”.

Após a fase de contato inicial, caso as relações comerciais se firmassem, a língua passaria para uma fase mais avançada, a do Crioulo. Castilho (s/d) define como adaptação de uma língua europeia por falantes de outras línguas, em geral africanas e asiáticas, com as quais os europeus entraram em contato por interesse mercantil:

O Crioulo é uma língua natural, nativa, já o Pidgin não. Também é preciso saber que o Crioulo pode descrioulizar-se identificando-se progressivamente com a língua europeia que lhe deu origem.

Castilho citando Adolfo Coelho (1880: 43), afirma que em um texto sobre a crioulistica<sup>10</sup> afirma que “diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil”, lançando pela primeira vez a teoria da base crioula.

O autor, também, cita João Ribeiro (1889) que reforça a hipótese crioulistica, para este autor há uma sorte de “bilinguismo interno” na comunidade brasileira, que pratica a língua portuguesa quando escreve, e uma variedade dialetal, “crioulo” quando fala.

Serafim da Silva Neto também entra nas citações do autor (RIBEIRO, 1889), para ele a base crioula explicaria as diferenças entre o PB e o

---

<sup>10</sup> o termo terá explicação pertinente adiante no item 3.2.2.

PE. Para ele, essa base introduziu inovações no PB ao passo que, num movimento inverso, os falares rurais manifestaram uma tendência conservadora.

Já a hipótese de Chaves de Melo (1946) é de que a uniformidade do PB deve-se a difusão dos falares crioulos gerados na costa, e levados ao interior pelas bandeiras paulistas. Já Révah (1963) não concorda que os contatos distintos feitos por portugueses/indígenas e portugueses/africanos pudessem ter dado surgimento a uma variedade como o PB.

Para discordar de todas essas hipóteses, o autor cita Tarallo (1986) que acredita que o processo de mudança do PB não se aproxima do PE. Pois, para ele, se tivéssemos tido um crioulo no Brasil, a europeização do país ocorrida no séc. XIX teria desencadeado um processo de descrioulização, e hoje estaríamos falando como portugueses – o que vem acontecendo em algumas ex-colônias africanas.

E como exemplo de uma visão internacional, o autor cita Gregory Guy (1981), sustenta que nossa língua tem uma base africana. Castilho menciona que, no trabalho de Guy, esse autor exclui a possibilidade de um crioulo indígena, visto que os nativos brasileiros não desenvolveram com os portugueses o tipo de relacionamento social e de situações que costumam levar à criouliização. Ele estabelece um plano cuidadoso para examinar a hipótese crioulistica, o qual se desdobra em duas ordens de discussão: a busca de evidências linguísticas, e a história social da criouliização do Português.

Castilho define que, sendo o Crioulo uma língua de contato, ele vai guardar as marcas típicas de aquisição de uma segunda língua: regularização da flexão (...).

Em síntese, para o autor o Português Popular Brasileiro seria um vestígio da fase crioula. E, se é verdade que a língua escrita nos aproxima de Portugal, a língua falada aponta para outros rumos.

Outros estudos crioulistas foram retomados na década de 90 com o Professor Hildo Honório do Couto, Alan Baxter e Dante Lucchesi, que redefiniram, segundo palavras de Castilho (2000), o crioulo como sendo:

Uma língua que nasce em circunstâncias sócio-linguísticas especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua, com base em um modelo defectivo de segunda língua.

Do ponto de vista estrutural, eles mostraram que os linguistas começaram a partir da década de 60 a reiterar o fato de que as línguas crioulas apresentavam semelhanças estruturais muito fortes em relação às línguas envolvidas em sua formação. [cf. CASTILHO, 2000]

Castilho menciona a atual definição de crioulo feita por Baxter e Lucchesi<sup>11</sup>:

Um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição / criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável.

Esses autores aplicam tal quadro teórico ao estudo do crioulo de Helvécia, Bahia.

Outras obras encontradas que apresentam comunidades com traços de africanismos ou criouliantes são: Remanescentes de um falar crioulo brasileiro Helvécia-Bahia de Carlota Ferreira, Cafundó de Margarida Taddoni Petter e Mato Grossense de Ulisdete. Veremos aqui a localização destes lugares e como se iniciaram suas pesquisas, abordaremos seus resultados no item 4.1.1.

O trabalho realizado sobre a vila de Helvécia, município de Mucuri, localizado na Zona Fisiográfica do Extremo Sul da Bahia, iniciou-se com a ida de dois inquiridores do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) em 1961. O foco da pesquisa era o ponto 50 em Ibiranhém, última cidade a ser sondada, mas, devido a proximidade da cidade com Helvécia, os pesquisadores decidiram ir até lá para apurar se as informações verbais que existiam naquela área sobre os vestígios de um falar crioulo eram verídicas.

Pouco se sabia sobre Helvécia, devido as dificuldades de acesso, mas foi certamente por isso que manteve-se certo conservadorismo pelos falares daquela região. Até mesmo para os moradores mais jovens era difícil a compreensão dos falantes mais velhos.

---

<sup>11</sup> A relação dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. 1997. UFBA.

Para a pesquisa os moradores indicaram dois locais mais velhos, uma senhora de 70 anos e um senhor de 80, ambos nascidos na cidade. Veremos adiante mais resultados sobre essa pesquisa.

A comunidade afro-brasileira do Cafundó fica localizada no bairro rural da cidade de Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo. Essa cidade foi estudo constante de antropólogos e linguistas entre as décadas de 70 e 80. A descoberta dos descendentes de africanos que mantinham o dialeto de base Banto provocou discussões sobre a permanência de línguas africanas como fator de criouliização do PB.

Porém, viu-se que o dialeto na verdade era mais próximo do caipira [cf. Amaral 1950], mas, também, Couto (1992) conclui que a linguagem do Cafundó é um anticrioulo, assim como o dialeto de São João da Chapada e os Calunga de Goiás e a língua de Mina em Minas Gerais.

O trabalho de Taddoni procura discutir a pertinência das identificações <<crioulo>> ou <<anticrioulo>>, para caracterizar a linguagem do Cafundó, apoiando-se em trabalhos recentes desenvolvidos no Brasil, sobre essa comunidade e outras com características semelhantes.

O estudo sobre a Fonologia do Português Mato-Grossense: Uma Perspectiva Crioulística de Souza (1999) constituiu em uma primeira tentativa de descrição e análise da fonologia do português mato-grossense, na perspectiva crioulistica, visando inserir essa variedade no debate a respeito da (não) criouliização do português no Brasil.

Os dados para essa pesquisa foram obtidos a partir de fontes variadas, que vão desde a recordação de termos ouvidos e guardados na memória do pesquisador, provenientes da família e de amigos, até a pesquisas bibliográficas e de campo. Sendo as fontes bibliográficas determinantes, por ser o Mato Grosso um estado muito grande, e por receber imigrantes de várias partes do país e a pesquisa de campo realizada com dois informantes maiores de setenta anos e a naturalidade mato-grossense.

Buscou-se confirmar nesse estudo a necessidade de se observar, além da estrutura linguística, os movimentos históricos e as interações sociais para definir se houve ou não criouliização numa determinada língua.

### 3.2. Conceitos Básicos da Sociolinguística e da Crioulística

Esse subitem vai comportar os tópicos sobre Variação e Mudança, Norma e Preconceito, Crioulística, Pidgins e Crioulos revisados abaixo.

### 3.2.1. Sociolinguística

Para o conhecimento básico do conceito da Sociolinguística, Alkmin (2003, p.31) diz que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Dando continuidade de maneira simples e direta, Alkmin afirma que o ponto de partida da sociolinguística é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Rodrigues (2016) define a Sociolinguística como sendo a área que estuda a língua real em uso em determinada sociedade. Ela estuda variação, mudança, contato, surgimento e extinção de línguas, multilinguismo, atitudes e políticas linguísticas entre outros temas.

Como mencionado na metodologia de que as áreas trabalhadas seriam a Sociolinguística e a Crioulística pelas contribuições africanas, agora vamos trazer alguns conceitos básicos dessas áreas, para que também fiquem claros para uma posterior análise.

Sendo a Sociolinguística a área que estuda as línguas naturais, com relação a fatos linguísticos e as estruturas sociais, e que engloba vários conceitos que são fundamentais para entender a contribuição africana e afrodescendente, uma das primeiras noções fundamentais são a variação e mudança, logo em seguida a de norma e preconceito.

#### 3.2.1.1. Variação e Mudança

Para Rodrigues (2016), dá-se o nome de Variação a gama de possibilidades que a língua realiza na sua habilidade de se transformar e ser transformada ao longo dos tempos, a cada novo momento, a cada novo interesse de representar ou significar o mundo, a cada nova geração.

A autora cita que a teoria da Variação prevê formas em competição, chamadas variantes. Seus fatores condicionantes podem ser

linguísticas/estruturais ou extralinguísticas sociais. As variáveis linguísticas encontram-se no léxico, na fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. As extralinguísticas compreendem origem idade, sexo, classe, escolaridade, profissão, formalismo ou não do discurso, entre outros.

Baseando-se na teoria de Benveniste, para a autora Variação Linguística é propriedade inerente às línguas naturais, uma vez que todas as línguas do mundo irão apresentar algum grau de variação. Assim, acredita-se que a variação seja tal qual a própria língua e a sociedade.

### 3.2.1.2. Norma e Preconceito

Para variados autores, dá-se o termo norma-padrão para relacionar o grande sistema que era a língua com a fala. Para as variações individuais teria de surgir uma norma, algo que fosse além do indivíduo e da grande coletividade, sendo as escolhas dos grupos, normalmente os de mais prestígio, o que era habitual para estes como a forma correta da língua.

Sobre o termo norma-padrão, Marcos Bagno (2000) afirma que as sociedades organizadas, onde as línguas se transformaram em símbolos de unidade política e de identidade nacional, herdaram da gramática grega e, principalmente, da gramática latina essa ideia de que a escrita literária consagrada e a fala das camadas privilegiadas da população devem servir de base para a constituição de um ideal de língua “certa”, o que ocorre até hoje.

Bagno mostra em seu estudo que diante das multiplicidades de línguas e de variedades linguísticas presentes na maioria dos países, foi necessário uma norma-padrão, uma seleção, na qual esta se baseava sobre a variedade linguística do centro do poder, na zona mais influente e mais rica economicamente. As escolhas da norma padrão foram feitas somente por critérios políticos e ideológicos *“quem está no poder vai querer impor o seu modo de falar a todo o resto da população”*.

Sobre as observações do autor, podemos concluir que toda essa seleção torna-se um instrumento de dominação e exclusão, sendo todos os outros tipos de línguas e variações linguísticas— que sempre atingem a maioria da população— consideradas como a forma incorreta da língua.

Por fim, Bagno (2008, 98) conclui a definição de norma-padrão, afirmando que:

A norma-padrão não faz parte de língua, isto é, não é uma das variedades linguísticas empiricamente observáveis no uso dos falantes em comunidade. Ela é um construto sociocultural, uma norma no sentido mais jurídico do termo, uma espécie de “lei linguística” que prevê a condenação e a punição dos infratores. Por isso, não é correto usar os termos “língua-padrão”, “variedade-padrão”, “dialeto-padrão”, porque não existe língua, variedade e dialeto sem falantes reais, e ninguém fala a norma-padrão.

Ainda em Rodrigues, observamos o estudo sobre o preconceito linguístico como a variação de um fenômeno natural, assim como diz a sua (RODRIGUES, ano, pg) citação de Gnerre (1998):

A linguagem ocupa o lugar que ocupam os falantes em sociedade e uma variação linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes.

Revelando os usuários suas origens ao falar, e ainda sua condição sociocultural, escolarização etc.

Rodrigues define o preconceito linguístico como sendo o uso que um falante faz da língua para julgar, discriminar, atingir, hostilizar, segregar outro falante. É a língua, em sociedade e por meio dos valores e usos de seus usuários, sendo usada para julgar, sancionar, abonar ou condenar as normas linguísticas individuais ou coletivas.

Para melhor entendermos as diferenças entre o certo e o errado que causam o preconceito linguístico, Bagno apresenta dois conceitos, o primeiro são os traços descontínuos e o segundo são os traços graduais.

Os traços descontínuos, são determinadas características que se restringem à língua falada por pessoas que estão na base da pirâmide das classes sociais, formas de falar a língua que não avançam até o topo da pirâmide e, justamente por isso, recebem a maior carga de rejeição e preconceito da parte dos falantes que não utilizam essas regras.

Os traços graduais representam formas de uso da língua que estão presentes na forma de todos os brasileiros, desde os mais pobres e analfabetos até os mais ricos e altamente escolarizados. A principal diferença é o grau de frequência com que essas regras são empregadas. Em geral estão nas falas menos monitorada das pessoas de classes sociais privilegiadas ou em contextos linguísticos específicos que favorecem seu uso.

Podemos observar alguns exemplos de ambos os traços, retirados de Bagno (2000), na próxima tabela que será retomada na análise:

TRAÇOS DESCONTÍNUOS	TRAÇOS GRADUAIS
1. Queda da vogal átona postônica em palavras proparoxítonas: <i>córrego&gt;corgo; pássaro&gt;passo; bêbado&gt;bebo; árvore&gt;arvre</i> etc.	1. Redução dos ditongos /ey/ a /e/ e /ay/ a /a/ diante de consoantes palatais ou da vibrante simples: BEIJO ['bêjo'], CHEIRO ['chêro'], PEIXE ['pêxe'], CAIXA ['caxa'] etc.
2. Não-nasalização de sílabas postônicas: <i>home~homem; ontem~onte; fizeram~fizerem</i> etc.	2. Redução de ditongo /ow/ a /o/ em todos os contextos: OURO ['ôro'], CALOURO ['calôro'], AMOU ['amô'] etc.
3. Monotongação de ditongos átonos crescentes em posição final: <i>notícia&gt;notiça; paciência&gt;paciença; imundície&gt;imundice</i> etc.	3. Ditongação da vogal tônica final seguida de /s/, resultando nas pronúncias: "pais" [PAZ]; "méis" [MÊS]; "nóis" [NÓS]; "portuguêis" [PORTUGUÊS]; "fais" [FAZ]; "arrôis" [ARROZ]; "puis" [PUS] etc.
4. Rotacismo: troca de L por R em encontros consonantais ou em final de sílaba: <i>placa&gt;pranta; talco&gt;tarco; futebol&gt;futebor</i> etc.	4. Pronúncia da consoante escrita em L, em sílaba travada ou final de palavra, como a semivogal /w/ (na maioria do território brasileiro) ou (menos frequente) como um velar /h/ (sobretudo no Sul): [ow] (GOL); [saw] (SAL); [braziw] (BRASIL); [awtu] (ALTO) etc.
5. Pronúncia [y] da consoante palatal [ʎ], escrita LH: <i>telha&gt;teia; abelha&gt;abêia; velha&gt;veia</i> etc.	5. Apagamento do /r/ em final de palavra, principalmente em final de verbos no infinitivo: CANTAR ['cantá']; VENDER ['vendê']; SAIR ['SAÍ']; AMOR ['amô']; PROFESSOR ['professô'] etc.

### 3.2.2. Crioulística

Couto (1996) distingue a Crioulística como o estudo da história das línguas Crioulas e Pidgins. O autor destaca que apesar de o maior número de crioulos do mundo ser de base inglesa e francesa, o primeiro autor a propor princípios gerais para a formação dessas línguas foi Francisco Adolfo Coelho (...). Hoje em dia, a maior parte da crioulística é promovida por autores de língua inglesa, francesa e por último, a língua alemã.

Denominando-se a Crioulística como a área que estuda o processo de crioulização das línguas, Pidgins e Crioulos são objetos clássicos por constituírem referencial básico para o estudo de qualquer língua ou variedade, como por exemplo: Semicrioulo, Anticrioulo, Língua Geral etc.

A Crioulização é entendida como processo variável de aquisição (ou criação), determinado principalmente pelas variáveis da demografia e da estrutura social, além dos modelos disponíveis no substrato e no superstrato, que pode acontecer com maior ou menos intensidade, dependendo dos efeitos

de todas as variáveis mencionadas, os seus resultados podem ser mais ou menos radicais, de acordo com o contexto envolvido (Baxter, 1998:110)

Para Couto há duas contribuições da Crioulística para a Sociolinguística, a primeira é a de ter salientado a importância da história da língua, e a segunda, a ênfase na heterogeneidade dos sistemas linguísticos, contrariamente tanto ao sistema compacto social de Saussure quanto ao individual de Chomsky.

### 3.2.2.1. Pidgin e Crioulos

O Pidgin, na definição de Souza (1999), é um tipo de língua reduzida, que resulta do extenso contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis. É meio precário de intercompreensão, numa situação de multilinguismo. Modo de comunicação pragmático, que supre a falta de uma gramática comunitariamente aceita, o pidgin não é língua materna de alguém. Por parte de seus usuários, é uma língua que facilmente eles abandonam. É somente uma língua de contato.

Ainda em Souza, tem-se que a situação em que surge o pidgin é organizado em sociedade de estratificação social, em quem manda e quem obedece. Normalmente, os falantes da língua de *substrato* acabam por incorporar palavras da língua do *superstrato*, não obstante o significado, a forma e uso dessas palavras poderem ser influenciados pela língua do substrato.

Essa forma de cooperação entre dominantes e dominados acaba criando determinada língua para atender a necessidades comunicacionais mínimas. Pigin é, portanto, língua simplificada pela queda do que é desnecessário e reduzida em número de palavras, mas compensada pela extensão de sentidos (homonímia) e pelo uso de circunlocações.

Nos aspectos estruturais, Souza mostra o pequeno inventário de fonemas, palavras preferencialmente dissilábicas com estrutura CV.CV. e a existência do predomínio do princípio de uma forma para um significado. Na síntese a ordem invariável é SVO, essa ordem aparece no modo imperativo e nas formas interrogativas.

Souza (cf. 1999) finaliza a definição de pidgin no estágio de sua expansão, quando há o fortalecimento e desenvolvimento dessa língua, vindo

em seguida o estágio em que ela se transforma em crioulo, o provável crioulo brasileiro.

Já a definição de língua crioula, de acordo com Baxter e Lucchesi (1997), tem se fundamentado na combinação de dois parâmetros. Primeiramente, considera-se o contexto socioeconômico e político, ou seja, o conjunto de relações sociais em que a língua em que emergiu, esse seria o parâmetro sociolinguístico; em seguida, consideram-se as semelhanças na estrutura linguística dessas línguas que se formaram dentro de uma situação excepcional, é o que se chama de parâmetro estrutural ou linguístico.

As características sociolinguísticas da língua crioula, definidas por Lucchesi (1997), mostra uma língua que nasce em circunstâncias especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua, com base no modelo defectivo de segunda língua. O autor cita que é uma língua falada por uma comunidade cujos antepassados parcialmente perderam os seus traços sociolinguísticos e culturais originais, devido, na maioria dos casos, à colonização europeia e à escravatura.

No tocante aos aspectos estruturais, Souza (1999) apresenta o crioulo como um léxico menos numeroso do que o das línguas de superstrato e substrato. O número de fonemas é menor do que o das línguas que entraram em sua formação. Há quase total ausência de morfologia derivacional e flexional. As funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem, em geral SVO, e há clara preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos silábicos.

Ainda em sua pesquisa, Souza define os traços crioulizantes, que são aqueles que vão rumo à simplificação de uma língua, mais especificamente na direção do [não-marcado]. Eles apontam sempre na direção da crioulização. Todavia, o fato de determinada língua apresentar traços crioulizantes em sua estrutura não significa necessariamente que ela seja crioulo ou que tenha sido crioulo algum dia.

Para a autora, o termo crioulizante refere-se a possibilidade de a língua ter desenvolvido ou assimilado traços de um crioulo ou de um semicrioulo em algum estágio de sua formação.

### 3.2.2.2. A Formação do PB

Rodolfo Ilari e Renato Basso (2009) contam sobre a formação do PB como uma história de multilinguismo. Segundo eles, vários especialistas dizem que por ocasião do descobrimento, havia no Brasil uma população nativa estimada em seis milhões de indígenas que falavam cerca de 340 línguas. E por tanto, o multilinguismo já existia no continente sul americano antes da colonização. Após a colonização e durante muito tempo, os indígenas foram predominantes na população rural.

Para conseguir o domínio sobre os nativos, foi necessário que os portugueses aprendessem uma língua geral para se comunicarem e sobreviverem.

Uma das observações dos autores é que apesar da variedade de línguas indígenas presentes, a criação de “línguas gerais” era facilitada, no Brasil, pelo fato de que as línguas nativas da costa, pertencentes em sua maioria ao tronco Tupi, apresentavam uma uniformidade, e foi a partir dessa língua que se formaram as línguas gerais brasileiras.

Os autores recordam que não foram somente os portugueses que tentaram estabelecer colônias no território brasileiro, mas também os franceses, holandeses e os espanhóis. A partir do século XIX foram criados projetos de colonização para atrair imigrantes europeus e asiáticos, tornando o Brasil um país ainda mais multilíngue e um laboratório linguístico.

Alguns anos mais tarde, com a chegada de milhões de africanos ao Brasil, falantes de línguas pertencentes ao tronco Níger-congo e que foram predominantes na população urbana, foi mais uma vez necessário uma língua geral para a comunicação.

Ainda para os autores, as línguas africanas foram de contribuição fundamental na história do PB.

Com a intensificação do tráfico, os portugueses começaram a separar os africanos provenientes de mesma etnia/mesma língua para diferentes regiões, a ideia era de descaracterizar culturalmente o escravo, tornando-o mais fraco diante dos traficantes e dos futuros senhores. Segundo os autores, essa prática dificultou o aparecimento no Brasil de comunidades negras com uma base étnica e linguística comum, e fez com que a preservação das raízes só fosse

efetiva em regiões de grande concentração de afro-descendentes – caso da Bahia e geralmente do Nordeste.

Sobre a contribuição crioula no PB, Ilari e Basso citam diversos autores interessados em combater essa relação, defendendo que a língua portuguesa é uma só, e minimizando as diferenças entre os falares do Brasil e de Portugal, estes autores são: Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes e Silvio Elia.

Já a geração mais recente como Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004) e Dante Lucchesi (2001) como os autores que acreditam que o PB teria surgido por um processo que lembra de algum modo a crioulação. Os argumentos dessa crença provêm da demografia histórica e da história da educação brasileira.

Por fim, para os autores o que está fora de dúvida é que o PB tem enorme dívida com as línguas africanas que se manifestam na assimilação de palavras originadas do Quimbundo e do Iorubá que serão relatadas mais adiante.

### 3.2.3. Estudos envolvendo traços pragmáticos

Darcy Ribeiro (1995) apresenta a cultura brasileira como uma variante da tradição civilizatória europeia, diferenciada pelos coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. Por todo esse tópico, tomarei como base este autor, não sendo assim necessário que eu o cite em todas as vezes, assim, quando o exemplo vier de outro autor este será mencionado.

O autor apresenta a evolução cultural dos povos Tupi que foram os primeiros a darem o passo para a revolução agrícola, fazendo eles próprios o caminho, junto com outros povos da floresta tropical, domesticando plantas para o mantimento de seus roçados.

Já a contribuição cultural do negro, a parte que mais no interessa, Ribeiro comenta que foi pouco relevante na formação da “protocélula original da cultura brasileira”. Os negros seriam a mão de obra fundamental para a produção açucareira.

Porém, o autor explica que o negro teve grande importância, tanto por sua presença como por sua massa trabalhadora que produziu tudo o que se

fez por sua inserção a essa nova terra, de uma forma que marcou a raça e a cultura brasileira.

Os negros, encontrando no Brasil um país com cultura indígena, tiveram que aprender a viver, plantando e cozinhando os alimentos da terra, chamando as coisas e os espíritos pelos nomes Tupis incorporados ao português, fumando tabacos e bebendo cauim.

Esses negros advindos da África, um país multilíngue, falavam dialetos e línguas não inteligíveis uns aos outros. No entanto, mais homogêneos no plano da cultura, os africanos variavam também nessa esfera. Todas essas diversidades fazia com que não correspondesse a somente uma unidade linguística-cultural, impedindo a unificação dos negros quando se encontrassem na mesma situação de escravidão, até mesmo a religião tornou-se um fator de discórdia, segundo Arcos (cf. Ribeiro, 1995).

Apesar das circunstâncias adversas, os africanos deram um passo adiante aos outros povoadores ao aprenderem o português com que os capatazes lhes gritavam e que, mais tarde, o refizeram e utilizaram para comunicar-se entre si. Com isso, acabaram conseguindo aportuguesar o Brasil, emprestando singularidade ao PB, e além de influenciar de várias maneiras as áreas culturais onde mais se concentraram que foram o nordeste açucareiro e as zonas de mineração do centro do país, possibilitaram sua difusão por todo o território, uma vez que nas outras áreas só se falava a língua dos índios, o Tupi-Guarani.

Ainda hoje essas populações do nordeste guardam a feição africana na cor da pele, nos grossos lábios e nos “narigões fornidos”, bem como em cadências e ritmos e nos sentimentos especiais de cor e de gosto.

Os negros, que eram a figura perfeita para desempenhar as tarefas mais pesadas na divisão de trabalho do engenho ou da mina, foram, por excelência, os agentes da europeização que difundiram a língua portuguesa europeia aos escravos recém-chegados e, também, as técnicas de trabalho.

Mas, mesmo com os ensinamentos da cultura europeia, os africanos trouxeram dentro de si sua herança africana, como a religião e sua cultura, principalmente as rítmicas/musicais, e também seus gostos culinários.

A partir de determinado momento, o negro rural foi para as favelas. Com sua base cultural veio a estrutura do que é hoje o nosso Carnaval, o culto a

lemanjá, a capoeira e inumeráveis manifestações culturais, como também, a Música Popular Brasileira e o futebol. Os negros estão, assim como os índios, como os componentes mais criativos que mais singularizam o povo brasileiro.

O resultado do processo de deculturação das matrizes formadoras do povo brasileiro -empobrecido em relação a seus ancestrais europeus, africanos e indígenas- deu-se na construção de um homem mais receptivo às inovações do progresso, diferente de todos os homens europeus, índios e negros tradicionais.

Também podemos observar no trabalho de Gilberto Freyre (2003), mais pragmatismos do que foi a influência dos negros em nossa cultura, como por exemplo:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala. No canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida. Trazemos, quase todos, a marca da influência negra.

O estudo de Freyre, trás também considerações de Wallace [cf. Freyre 2003], onde o contraste do negro com o indígena mostra este como o alegre, vivo e loquaz, o extrovertido, enquanto aquele é taciturno e moroso, o introvertido.

Outras características pragmáticas trazidas por Freyre são a de que o negro é o homem prático, fácil e adaptável, tem a sua espontaneidade, cortesia, e o riso contagioso. E a observação de que na Bahia tem-se a impressão que todo dia é dia de festa.

## 4. Análise dos Dados

Sendo um trabalho de natureza descritiva dentro da área da Sociolinguística, nessa parte do estudo serão apresentadas as contribuições africanas extraídas das obras apresentadas ao longo desse estudo, como: O Português da gente, Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro, Helvécia, Fonologia do Português Mato-Grossense – Uma Perspectiva Crioulística, entre outros nos âmbitos linguístico (4.1.1.) e cultural (4.1.2.). Procurando atender às questões de pesquisa colocadas na apresentação deste estudo

A questão de pesquisa deste trabalho é: como a contribuição africana pode ser sentida no Português Brasileiro? Em que campo ela é mais expressiva? Por quê? Como é avaliada?

### 4.1.1. Contribuições Linguísticas dos Africanos e Afrodescendentes ao PB

#### (a) Léxico-gramaticais - Palavras e Expressões

Houaiss (1915) apresenta um quadro de Antenor Nascentes [cf. Houaiss, p. 88] que registra vocábulos “portugueses” e/ou “brasileiros” as seguintes línguas africanas e respectivos empréstimos:

1) abissínio	1: negus (por via culta, sem conexão com o nosso caso);
2) africano (sem discriminação de língua)	14: achanti (axânti), angola, banzo, baobá, bundo, calumba, chimanzé, fula, inhame, lundu, quingombô, soxa, zebra, zécora (alguns dos quais tomados por via culta de línguas europeias);
3) berbere	9 (por via negra ou não): alcandora, alfeizar, azagaia, azambujo, cuscuz, gorguz, guanche, tafilete, zuavo;
4) cafre	2: bantu, missanga (miçanga);
5) copta	1: oásis (por via erudita);
6) egípcio	5: alquimia, crocodilo, faraó, natrum, química (todos por via erudita, com línguas europeias como intermediárias);
7) malgaxe	2: ravenala, ravensala (eruditismos);
8) quimbundo	12: ambundo, banza, banzar, cachimbo, candonga, carcunda (corcunda), carimbo, maluvo, marimba, quezila, quitanda, tanga.

Em busca de mais influências africanas na formação do PB, encontramos o artigo “Do português europeu ao Português brasileiro: origens e Formação histórica da língua Portuguesa”, de Ana Laura Lima e Jacilene Marques Salomão ambas estudantes da Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS, onde citam que para Spina (2008, p.299) o lorubá, falado pelas tribos nagô, e o Quimbundo, falado pelos Bantos, foram os que mais influenciaram a língua portuguesa brasileira. Alguns dos diversos termos herdados desses povos foram *iemanjá, exu, ogum, xangô, muamba, mandinga* (referentes ao culto); *acarajé, bobó, vatapá, farofa, fubá, quitute* (da culinária); e outros como *cachimbo, marimbondo, cafundó, quitanda, quilombo, senzala e moleque* (SPINA, 2008, p. 300).

Outros termos herdados, segundo amostras de fala coletadas pelas autoras no seminário baiano (CARNEIRO; ALMEIDA, 2008) foram:

<b>Jiló:</b> palavra brasileira de origem africana; Fruto do jiloeiro.
<b>Agogô:</b> deriva do loruba AGOGO-AGO, “sino, relógio”
<b>Samba:</b> — “A origem da palavra samba [...] Seria, provavelmente, uma derivação do quimbundo semba, que significa umbigada, ou do umbundo samba que significa estar animado ou estar excitado. Há também quem afirme que a palavra tenha sua ligação com a língua luba e com outras línguas bantas, nas quais samba significa pular ou saltar com alegria. O que prova que o samba é bem anterior à música de Donga”. <sup>12</sup>
<b>Moqueca:</b> vem do idioma Quimbundo MU’KEKA, “caldeirada feita com peixe”. Dados indicam que começou a ser utilizada, primeiramente, na Bahia.
<b>Zumbi:</b> Possivelmente deriva do Quicongo zumbi, “feitiço”, originalmente o nome de um deus-serpente. Mas outros dizem que veio do Espanhol “sombra”, com o sentido de “espírito, fantasma”.

Em outro trabalho de graduação realizado por alunas da Universidade de São Paulo, denominado “A influência das línguas africanas no português do Brasil” (2009), foram encontradas mais heranças das línguas africanas. As autoras do referido trabalho também alertam que nem todo vocabulário que existe no Brasil com resíduo africano foi incorporado por influência direta da presença dos negros no país, pois, palavra como “inhame”, já havia sido citada na Carta de Caminha, o que indica africanismo já incorporado no PE, levando em consideração a presença dos africanos em Portugal.

<sup>12</sup> <http://almanaque.folha.uol.com.br/samba.htm>

## Palavras de origem Banto

- 1- BAGUNÇA – desordem, confusa, baderna, remexido.
- 2- BANZÉ – confusão, barulho.
- 3- BATUCAR – repetir a mesma coisa insistentemente.
- 4- BELELÉU – morrer, sumir, desaparecer.
- 5- BERIMBAU – arco-musical, instrumento indispensável na capoeira.
- 6- BIBOCA – casa, lugar sujo.
- 7- BUNDA – nádegas, traseiro.
- 8- CACHAÇA – aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou barras do melaço.
- 9- CACHIMBO – pipo de fumar.
- 10- CAÇULA – o mais novo dos filhos ou irmãos.
- 11- CAFOFO – quarto, recanto privado, lugar reservado com coisas velhas e usadas.
- 12- CAFUNÉ – ato de coçar, de leve, a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas para provocar o sono.
- 13- CALANGO – lagarto maior que lagartixa.
- 14- CAMUNDONGO – ratinho caseiro.
- 15- CANDOMBLÉ – local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia.
- 16- CANGA – tecido utilizado como saída-de-praia.
- 17- CANGAÇO – o gênero de vida do cangaceiro.
- 18- CAPANGA – guarda-costas, jagunço.
- 19- CAPENGA – manco, coxo.
- 20- CARIMBO – selo, sinete, sinal público com que se autenticam os documentos.
- 21- CATINGA – cheiro fétido e desagradável do corpo humano, certos animais e comidas deterioradas.
- 22- CHIMPANZÉ – espécie muito conhecida de macaco.
- 23- COCHILAR (a ortografia correta deveria ser coxilar) – dormir levemente.
- 24- DENDÊ – palmeira ou fruto da palmeira.
- 25- DENGUE – choradeira, birra de criança, manha.
- 26- FUNGAR – aspirar fortemente com ruído.
- 27- FUZUÊ – algazarra, barulho, confusão.
- 28- GANGORRA – balanço de crianças, formado por uma tábua pendurada em duas cordas.
- 29- JILÓ – fruto do jiloeiro, de sabor amargo.
- 30- MACUMBA – denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras.
- 31- MANDINGA – bruxaria, ardil, mau-olhado.
- 32- MARIMBONDO – vespa.
- 33- MAXIXE - fruto do maxixeiro.
- 34- MINHOCA – verme anelídeo.
- 35- MOLEQUE – menino, garoto, rapaz.
- 36- MOQUECA – guisado de peixe ou de mariscos, podendo também ser feito de galinha, carne, ovos etc.
- 37- MUCAMA – criada, escrava de estimação, que ajudava nos serviços domésticos e acompanhava sua senhora à rua, em passeios.
- 38- QUIABO – fruto do quiabeiro.
- 39- QUILOMBO – povoação de escravos fugidos.
- 40- SENZALA – alojamentos que eram destinados aos escravos no Brasil.
- 41- SUNGA – calção de criança.
- 42- TANGA – tapa-sexo.
- 43- TITICA – fezes, coisa sem valor, excremento de aves.
- 44- ZABUMBA – bombo.

### Palavras de origem Kwa

- 1- ABADÁ – túnica, casaco folgado e comprido.
- 2- ACARAJÉ – bolo de feijão fradinho, temperado e moído com camarão seco, sal e cebola, frito com azeite-de-dendê.
- 3- ANGU – pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com sal e cozido para ser comido com carne.
- 4- ASSENTO – altar das divindades, dentro ou fora do terreiro.
- 5- AXÉ – todo objeto sagrado da divindade; o fundamento, o alicerce mágico do terreiro.
- 6- BOBÓ – comida feita de uma variedade de feijão, inhame ou banana da terra com camarão e azeite-de-dendê.
- 7- ERÊ – um dos estados de transe; espíritos infantis também cultuados pelos iniciados ao lado da divindade a que foram consagrados.
- 8- EXU – divindade nagô-queto, capaz de fazer tanto bem quanto mal, tido como mensageiro dos orixás.
- 9- FÉ – gostar de, querer.
- 10- JABÁ – carne seca, charque.
- 11- LELÉ – maluco, adoidado; ingênuo, indolente, simplório.
- 12- ORIXÁ – designação genérica das divindades do panteon iorubá ou nagô-queto.

No trabalho de graduação de Ana Paula Puzinato da Universidade Estadual de Londrina, denominado “A Presença De Africanismos Na Língua Portuguesa Do Brasil”, a autora cita o ponto de vista de três autores, Amaral (1920), Nascentes (1922) e Marroquim (1934), os quais são citados análises de trechos de livros.

Em uma destas análises, Amaral traz heranças africanas que estão contempladas como do campo da música e dança (puíta, batuque, quingengue, urucungo); convívio e comportamento social (inquizilar, gungunar, quilombo, cuxilar); corpo humano, doenças, defeitos (capenga, cacunda). Vocábulo em que se verifica a predominância da culinária e alimentação (caruru, inhame, pirão, fubá, guandu).

#### **(b) Fonética-fonologia e Morfossintaxe: a questão da realização das vogais, a estrutura da sílaba e a questão da concordância de gênero e de número.**

Mattos e Silva cita Alberto Mussa, que diz que o percentual de falantes *Bantu* foi sempre superior; e quase sempre maciçamente, em todo o período do tráfico. Isso nos possibilita entender de forma bastante clara por que são precisamente os itens lexicais de origem *Bantu* os que se registram com mais anterioridade, com maior grau de integração morfológica e em maior número de campos semânticos no PB (p.18).

Nos estudos de Mussa, depois de contrastar 16 aspectos fonético-fonológicos do PB, confrontados com os mesmos fatos nas línguas africanas que aqui chegaram e no PE, concluiu-se da consistência do PB em que se opta pela forma menos marcada linguisticamente, isto é, o estruturalmente mais simples e o socialmente menos estigmatizado. Exemplos:

- 1- O PE do século XVI mantinha ainda a palatal arcaica [tʃ]; as línguas africanas chegadas ao Brasil possuíam e [tʃ] e [ʃ]; o PB escolhe [ʃ], portanto a articulação mais simples;
- 2- No PE, [ʃ] não passa a Ø em sílaba final átona; as línguas africanas em causa não têm sílabas travadas; no PB, a queda do [ʃ] é estigmatizada, sobretudo se implica em problemas de concordância.

Susana Cardoso [cf. Mattos e Silva 2004. pg. 24], dialetóloga, delimitou a área dialetal das chamadas “africadas baianas” ([otʃu], [biʃ,kotʃu]), traço regional localizado, cujos limites, a partir dos dados disponíveis, podem ser assim traçados:

A africada palatal surda, registrada nos casos do decurso it no padrão geral da língua, tem um percurso definido entre o norte de Minas Gerais, passando pela Bahia e atingindo Sergipe. (Cardoso, 1992:2)

Mattos e Silva cita que, do ponto de vista linguístico, pode-se dizer que havia ao longo do Brasil colonial, um multi/bilinguismo generalizado, principalmente entre a população africana e afro-descendente, reduzidas, certamente, a certas comunidades as línguas indígenas. No século XIX esse multi/bilinguismo se torna localizado, sendo as línguas da família Kwá, o lorubá, a de maior concentração (Pessoa de Castro, 2001:38).

A autora, também, cita Yeda Pessoa de Castro (2001), que fundamentada em vários especialistas em línguas africanas, diz que o sistema vocálico das línguas Bantu tem cinco ou sete vogais -/i e a o u/ ou /i e ε a o o u/, dois tons, alto e baixo e não tem vogais nasais (p.33). Quanto às línguas Kwá, as mais significativas para o Brasil – o Ewe-fon e o lorubá – têm sete vogais /i e ε a o o u/, orais e nasais e o lorubá é tritonal. Não sinaliza a autora as vogais alteadas e centralizadas nessas línguas.

Houaiss em seu capítulo 10 denominado “Da crioulização À escolarização”, o autor mostra que os crioulos tinham tendência sempre à

eliminação das chamadas redundâncias do sistema linguageiro de origem, como por exemplo: “os meninos precisam ter dois pães” e chegasse a seguinte conclusão: “os meninos” é redundante, basta “os menino” (pois o plural continua aí marcado mais economicamente); “os meninos precisam ter” é sistematicamente redundante ainda, basta “os menino precisa tê” (pois o *r* final do infinitivo é excrescente, já que sintagmaticamente *tê* é inequívoco, ademais de ser mais econômico).

Outros traços observados pelo autor de outras situações linguageiras no Brasil com caráter crioulo é a de um pan-crioulo, que ocorrem quando:

1- o desaparecimento do r final
2- o desaparecimento do s final(salvo um, irredundante, no sintagma, para notar o plural)
3- a instabilização do l final
4- a redução do ditongo ou a o
5- a redução do ditongo ei átono a e
6- a regularização irredundante da conjugação
7- a flexão nominal (substantivo e adjetivo) eliminada em número, reduzindo a um morfema s final único num sintagma
8- a instabilização de certos fonemas do padrão, como lh, rr, nh
9- a instabilização das vogais finais que no padrão são grafadas –o e –em etc.

**Características crioulizantes do dialeto rural de Helvécia** [cf. Baxter e Lucchesi 1997]:

No sistema verbal	
1- uso de formas do presente para indicar ações e estados situados no passado:	a) “Meu pai <u>é</u> de cativoiro” ‘meu pai é escravo’; b) “Eu <u>pega</u> Mário e mandou ele cortá [lenha]” ‘eu peguei Mário e mandei-o cortar lenha’;
2- uso de formas finitas em contexto de formas do infinitivo e vice-versa:	a) Non <u>sê vai</u> lá” ‘não sei ir lá’; b) “Ficou certo de <u>vem</u> um de lá” ‘ficou certo de vir um de lá’;
3- variação da marca da 1ª pessoa do singular, o que aponta para um sistema anterior desprovido de flexão de número e pessoa:	a) “tomei aquilo, acabo, acabo. Acabô... nunca mais eu sintiu”. b) “Eu num conhece esses povo não.”

No nível morfossintático	
1- uso reduzido do artigo:	a) “eu sô fia de lugá”, ‘eu sou filha do (deste) lugar’.
2- variação na concordância de gênero no SN:	a) “o meu sobrinha” b) “umas duas arquerim de terra...”.
3- uso da diátese lexical, ao invés de estruturas passivas:	a) “e bicho encontrava lá”, ‘e bicho era encontrado lá’.
4- regência verbal:	a) “Perguntei a Pedro, ele disse...”, (...) d) “Eu não queira ficá o jeito que ela queria” ‘Eu não queria ficar do jeito que ela queria que eu ficasse’
5- Supressão da preposição:	a) “folha mandioca”, ‘folha de mandioca’: b) “Eu tenho direito distraí um pouco”, ‘Eu tenho direito de me distrair um pouco’;
6- ausência do verbo copulativo:	a) “Esse aí neto de Casimiro”, ‘Esse aí é neto de Casimiro’;
7- ausência de concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo:	a) “e inté hoje ta istragado minha vista”. b) “A festa aí é bunito”. c) “ela fico bom”. d) “A minina tá mei duentado.”;
9-orações encaixadas sem complementizador:	a) “eu teve cuvessano... foi com quem? Acho que foi cum Pedro mehmo, ele disse a Irma dele veio do Rio.”, ‘eu estive conversando... foi com quem? Acho que foi com o Pedro mesmo, ele me disse que a Irma dele veio do Rio. (...)
10- dupla negação marcada no sujeito:	a) “Ninhum discarado num tá trabaiano não”. c) “Esse tempo lá, ninguém num tava ligano de negóci de falá em fazê procuração”.

Puzzinato, em seu trabalho de graduação, cita que no nível fonético, o dialetólogo nordestino relata que era atribuída ao negro a nossa tendência a assimilar o grupo –nd > nn > n, como ocorre nas formas do gerúndio: *correno*, *ficano*, *quano*, em vez de, correndo, ficando e quando. Marroquim (1934), porém, não acreditava nisso, pois, o negro poderia ter sentido dificuldade na pronúncia desse grupo e assim, como o resto da população, pela lei do menor esforço, tê-lo simplificado. Cita que, no grupo dialetal aquilano-umbro-romano, dá-se o mesmo fenômeno sem que ninguém suspeite que seja influência africana.

Analisando a obra de Antenor Nascentes (1922), que também se refere à influência dos negros, Puzzinato destaca que para o autor, o L palatalizado // constituía uma dificuldade para a classe inculta por uma questão etnográfica, porque, por exemplo, o elemento índio e o elemento negro não possuíam esse

fonema em suas línguas. Essa dificuldade era evitada com a supressão do elemento vibrante (ou lateral), ficando só a semiconsoante, que em alguns casos cooperou na palatalização: navaia/navalha; véia/velha, fio/filho, etc.

#### 4.1.2. Contribuições Culturais dos Africanos e Afrodescentes ao PB

Para este tópico buscamos algumas fontes como blogs e sites sobre a cultura brasileira que retratam sobre as Influências negras no Brasil. Em uma destas buscas encontramos vários exemplos de influências negras importantes na formação do Brasil, como por exemplo, músicas, danças, comidas, política entre outros.

- Dança e música

O **folclore** é entendido como o conjunto de manifestações espirituais, materiais e culturais de origem popular, transmitidos via oral ou pela prática de geração em geração. Compreende, assim, as tradições, festas, danças, canções, lendas, superstições, comidas típicas, vestimentas e artesanatos-cultivados especialmente pelas camadas populares. A escravidão foi responsável pela contribuição africana para o folclore, principalmente por que os negros eram trazidos de diversas áreas do velho continente.

**Bumba-meu-Boi:** também chamado Boi-bumbá, Boi-de-pano, Boi-de-mamão ou Boi-de-reis, dependendo da região onde é apresentado, é um folguedo do período natalino indo até o período do carnaval. O Bumba-meu-boi do Maranhão é um dos mais famosos do Brasil.

**Frevo:** teve origem na capoeira, cujos movimentos foram estilizados para evitar a repressão policial. O nome vem da ideia de fervura (pronunciada incorretamente como “frevura”). É uma dança coletiva, executada com uma sombrinha, que seve para manter o equilíbrio e embelezar a coreografia. Atualmente, é símbolo do carnaval Pernambucano.

**Maracatu:** é um desfile carnavalesco, remanescente das cerimônias de coroação dos reis africanos. A tradição teve início pela necessidade dos chefes tribais, vindos do Congo e de Angola, de expor sua força e seu poder, mesmo com a escravidão. Atualmente faz parte do carnaval de Pernambuco.

**Capoeira:** trazida pelos negros de Angola, inicialmente, não era praticada como luta, mas como dança religiosa. Mas, no século XVI, para resistir às expedições que pretendiam exterminar Palmares, os escravos foragidos aplicavam os movimentos da capoeira como recurso de ataque e defesa. Em 1928, um livro estabeleceu as regras para o jogo desportivo de capoeira e ilustrou seus principais golpes e contragolpes. O capoeirista era considerado um marginal. O Decreto-lei 487 acabou temporariamente com a capoeira, mas os negros resistiram até a sua legalização. E em 15 de julho de 2008 a capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial.

A cultura material de origem africana também é vastíssima, abarcando artesanatos e técnicas, tais como: a fabricação de instrumentos musicais, a culinária, a fabricação de utensílios de cozinha, a indumentária, entre outros. Entre os instrumentos trazidos pelos africanos para o Brasil se destacam os de percussão, como o atabaque, o agogô e o berimbau.

- Culinária

Acarajé, mungunzá, quibebe, farofa, vatapá são pratos originalmente usados como comidas de santo, ou seja, comidas que eram oferecidas às divindades religiosas cultuadas pelos negros. Hoje, porém, são representantes da culinária brasileira.

O angu, o cuscuz, a pamonha e a feijoada, nascida nas senzalas eram feitas a partir das sobras de carnes das refeições que alimentavam os senhores; com o uso do azeite de dendê, leite de coco, temperos e pimentas; e de panelas de barro e de colheres de pau. Os traficantes de escravos também trouxeram para o Brasil ingredientes africanos como é o caso da banana, ícone de brasileiro mundo afora e da palmeira de onde se extrai o azeite de dendê.

- Religião

Os escravos vindos da África trazem consigo o candomblé. Proibidos de praticar sua religião, os africanos associaram a cada orixá um ou mais santos católicos, conforme cada religião do Brasil, para exercerem sua religião sem serem perseguidos. Dos orixás de origem africana, se tornaram mais populares os seguintes: oxalá, xangô, yansã, oxún, ogun, oxósse, omolu, yemanjá, ibejis e exu.

Na tentativa de catequizar os negros, os europeus promoveram uma grande mistura que resultou nas hoje chamadas de religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé, fruto da inter-relação de culturas.

#### 4.1.3. Consciência das Contribuições - Entrevistas

Muitas vezes as pessoas não têm consciência de todos os fenômenos linguísticos que acontecem em sua comunidade ou em seu grupo. Partindo deste ponto, elabora-se esse item que vai retratar o conteúdo das 20 entrevistas, 10 com pessoas que já estão graduadas e outros 10 graduandos, versando sobre a questão da contribuição africana e afrodescendente no PB<sup>13</sup>.

As pessoas entrevistadas representam diversas áreas, como: Administração, Ciências Sociais, Direito, Economia, Educação Física, Enfermagem, Engenharia, Física, História, Pedagogia, Recursos Humanos e por fim alunos do curso de Letras. Em sua maioria, são alunos egressos da Universidade de Brasília.

A finalidade desta pesquisa foi saber identificar se os falantes cultos da língua portuguesa brasileira possuem conhecimento de como foi formada sua língua nativa e se conheciam algumas contribuições linguísticas e culturais para citar à pesquisadora.

Por uma questão de fluidez do tópico, serão comentadas as respostas de ambos os grupos para cada questão.

Inicialmente quando perguntados sobre como foi realizada a formação da Língua Portuguesa Brasileira, os graduados e graduandos em sua maioria afirmaram serem conhecedores do processo e que identificam influências de outras línguas como o PE, línguas africanas, indígenas e o inglês.

A respeito das influências de outras línguas para a formação do PB, os graduados responderem que existe, e deram exemplos como o PE, os dialetos africanos e indígenas, o Latim, Grego, Francês, Italiano e o Inglês. Como exemplo de palavras que afirmam essas influências, foram citados exemplos como o forró, mandioca, tapioca, buriti, virtude, rapariga, pizza, *abajour*, *croissant*, abadá, acarajé, candomblé, umbanda entre outros. Sobre o que seria

---

<sup>13</sup> Durante as buscas por entrevistas deparei-me com pessoas muito envergonhadas e seis pessoas não quiseram participar por não saberem responder, mesmo que tenha sido explicado todo o contexto. Curiosamente, das dez pessoas graduadas entrevistadas, três não souberam responder as questões.

o verdadeiro significado destas palavras em sua língua de origem, responderam que é o mesmo significado conhecido por nós.

Já os graduandos deram como exemplos: abadá, acarajé, candomblé e axé. Em sua maioria responderam que possuem o mesmo significado do que é conhecido por nós, e apenas uma pessoa completou a definição de 'acarajé' que vem do 'acará' uma comida feita pelos escravos para *yansã*, e também, para o 'candomblé' que como a junção de duas palavras "candum+blé" significa dança de batuque.

Sobre as influências que as palavras africanas têm no cotidiano da fala surgiram muitas dúvidas sobre quais seriam essas palavras, poucas pessoas afirmaram que identificam, mas no geral responderam que deve existir, porém, não sabem identificar. As palavras exemplificadas foram acarajé, mulambo, feijoada, cafuné, abadá, denço, nagô e batuque. Apenas uma pessoa afirmou, com certeza, que realiza expressões cotidianas dessas palavras no linguajar da comunidade *gay*, e deu exemplos de como: Erê, ocó, otim, cafuné, odara, ilê, picumã, coió e amapô. Por outro lado, para os graduandos a maioria sabe que existe, porém não identifica, e apenas uma citou que utiliza diariamente por conta de sua religião.

Sobre a região brasileira com mais influências africanas no falar, todos responderam que é a região nordeste, em especial o estado da Bahia por conta da colonização, alguns ainda citaram a expansão ao Rio de Janeiro e a Minas Gerais.

Em relação a existência de influências africanas na forma brasileira de comunicação corporal, atitudes e demonstrações de afeto, as respostas ficaram bem divididas, metade das pessoas responderam que existe, com a certeza de que os africanos são mais calorosos e gostam mais de festa, assim como os brasileiros, e com o exemplo de que não conhecia outro país que abrace e beije com tanta facilidade como os africanos e os brasileiros. A exemplo das atitudes, elas aparecem na nossa forma de dançar. Os graduandos relacionaram mais a nossa forma de dançar e não souberam afirmar a existência na forma de afeto.

Em tempo, para complementar esta pesquisa, os entrevistados foram perguntados sobre a questão "quando deparados com as palavras que se recordam e também com a falta de concordância das palavras no dia-a-dia, o

que você acha que influenciou essa mudança das palavras, a maioria respondeu que se trata da renovação do português, e relacionado ao latim. Foi dado como exemplo a palavra “vossa mercê”, que virou o “você” e está se encaminhando para o “cê”.

Em geral os brasileiros cultos, até mesmo os licenciados em Língua Portuguesa, ainda sentem-se inseguros em relação a este assunto. Comparar a formação do PB com a formação inicial do Português, advindo do Latim vulgar, é o que definem como o brasileiro, esquecendo-se das nossas influências de contato indígenas e africanas.

Quanto aos graduados e estudantes de outros cursos em formação, a comparação da formação do português brasileiro se deu por várias misturas, porém, muitos também relacionavam o PB a formação inicial do português com o Latim, e as respostas do grupo já graduado –em geral- foram as mais completas.

De fato, não é fácil identificar palavras africanas no nosso dia-a-dia, porém, como vimos nos modelos ao decorrer deste trabalho, realizamos algumas africanidades em nossos momentos informais, e até mesmo aos formais, como em nomes de comidas e danças, por exemplo.

Após esta pesquisa, vejo que seria interessante mais informação na formação inicial dos estudantes sobre a formação da língua portuguesa brasileira; trabalhar os aspectos sociolinguísticos desde cedo proporcionará mais riqueza ao nosso vocabulário e, também, menos preconceitos linguísticos.

## 5. Considerações Finais

Como pesquisadora, posso atestar que este estudo trouxe não só maior entendimento, mas permitiu-me perceber o que está faltando, e que esta é uma área que precisa de mais olhares e mais pesquisadores, de mais gente interessada em debruçar-se sobre a constituição e realização do PB.

E, realmente, confirma-se, aqui, que a parte africana e afrodescendente acaba sendo menos entendida e absorvida como realidade constituinte de nosso DNA linguístico e cultural. Embora não tenhamos discutido questões de criouliização, conseguimos fazer um somatório de olhares sobre a língua e trazer um olhar atualizado das pessoas de hoje. Embora as entrevistas tenham sido poucas, permitem antever que, no geral, se essa pesquisa fosse maior redimensionada não teríamos algo muito diferente, as pessoas não estão tendo completa noção de como foi a formação de sua língua nativa. Elas desconhecem muito da contraparte linguística que compõe a contribuição africana do Português falado no Brasil; apenas lembram-se dos aspectos culturais dessa contribuição.

É importante destacar a relevância de se trabalhar, nas escolas e universidades, os aspectos sociolinguísticos, pois não só vão proporcionar riqueza ao nosso vocabulário, mas fornecerão a compreensão necessária do processo de formação de uma língua tão heteróclita, tão complexa e tão bonita como a nossa Língua Portuguesa em terras brasileiras.

Por mais que tenhamos tido bastante influências africanas, pela quantidade de negros que vieram para o Brasil, muito do seu vocabulário não permaneceu nos registros formais da comunidade brasileira, os que mais estão presentes na atualidade são os relacionados à religião e a culinária. Temos muitas contribuições na oralidade com a nossa fala mais aberta o que nos diferencia da formalidade do PE.

Isso indica que é necessário realizar um trabalho onde os estudantes saibam desde os primórdios do PB quais foram as línguas que influenciaram na formação do nosso vocabulário, para que essas contribuições deixem de ser invisíveis somente pelo fato de as pessoas não saberem identificá-las.

A influência africana no Português Brasileiro dá-se, principalmente, na forma de falar, ao simplificar as palavras, por exemplo, palavra fulô (consoante-vogal, consoante-vogal), destravando as sílabas, dando outro ritmo, por

exemplo, “voar” que perde-se o ‘r’ e fica “voá” (consoante-vogal, vogal) vogal sozinha sendo uma sílaba complexa.

Infelizmente, esse fato é desconhecido pela maioria dos entrevistados; muitos sabem que existem influências, porém, não sabem identificá-las. Todavia, compreende-se que a parte vocabular-lexical, realmente, tende a ser menos conhecida, pois eram vocábulos de base portuguesa que firmavam no PB por ser o Português a Língua de Superstrato, a língua do poder.

As pessoas só recordam das influências relacionadas à dança e à religião, mas não se lembram de que a mais importante contribuição africana foi transformar a sua gramática na nossa brasileira. O Português passou pela transformação dos primeiros africanos e outros que chegaram depois para ser modificado. Eles tiveram que reaprender a falar e a ressignificar palavras com sua gramática natal interiorizada, o que acabou influenciando na forma de falarem o português.

Entre as influências pragmáticas, as respostas das entrevistas atestam que a evidência africana mais forte está na nossa forma de dançar e na forma carinhosa de nos relacionarmos com as pessoas. E que a contribuição africana faz-se sentir desde sempre, mas as pessoas acabaram perdendo essa memória. Logo, mais estudos que abordem a história são fundamentais desde o início dos estudos históricos até a universidade.

Isso, além de favorecer o conhecimento de todos e de fazer com que tenhamos essa visão ampla da nossa língua e o orgulho dessa contribuição africana, fará com que os preconceitos linguísticos diminuam, porque é proporcionalmente maior a aceitação e o entendimento quando a pessoa tem esse conhecimento. Em linhas gerais, de fato, a boa educação sana essa má concepção que se tem sobre a língua, de que toda produção linguística precisa ser, necessariamente, de acordo com a gramática tradicional.

Então, sabendo-se que a nossa história é desta maneira, tão diferente, colorida, multifacetada e gramaticalmente heterogênea, é natural que não tenhamos preconceitos e que a escola se esforce cada vez mais para ser o lugar onde as pessoas vão aprender diferentes estilos de fala e escrita, assim, compreender a psicologia da nossa língua, que é composta hoje, em grande parte, pela contribuição humana, linguística, pragmática e emocional africana e afrodescendente.

Para as futuras pesquisas relacionadas a este assunto, vejo que é importante mapear, o mais rápido possível, os vestígios das línguas africanas ainda usadas pelas pessoas mais idosas em algumas regiões brasileiras, realizando um banco de dados com a origem das palavras, suas transformações e o que resultou na formação de novas palavras.

E, desse modo, implementar os estudos sobre a origem do PB, para que, no futuro, essa história seja estudada em sala de aula – o que irá contribuir na formação do vocabulário da língua portuguesa brasileira – ensinando aos adultos e a essa nova geração sobre as infinitas possibilidades e muitas variantes que a nossa língua possui, o que também poderá diminuir, e quiçá, extinguir de vez todo o preconceito linguístico que, infelizmente ainda, constatamos diariamente.

## Bibliografia

- ALKMIN, Tânia. **Sociolinguística**. In: Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v. 1/ Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) - 3.cd. - São Paulo Cortez, 2003.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Africanismos no Português do Brasil**. Revista de Letras - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011.
- BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. **A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil**. Revista de Estudos linguísticos e Literários, nº 29/ março 1997, UFBA.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **A hora e a vez do português brasileiro**. (USP, CNPq) Museu da Língua Portuguesa Estação da luz. (s/d)  
In: file:///C:/Users/a/Downloads/A%20hora%20e%20a%20vez%20do%20portugu%C3%AAAs%20brasileiro.pdf
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1996.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero no falar cuiabano: A trajetória de uma mudança linguística em curso**. In: Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso, 2005.
- FERREIRA, Carlota. **Remanescentes de um falar crioulo brasileiro**. In: Diversidade do português no Brasil: Estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 48ª edição. Pernambuco-Brasil. Global Editora, 2003.
- GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo. Atlas, 2002
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Editora Revan, 1992.
- ILARI, Rodolfo. Basso, Renato. **O português da gente**. Editora Contexto, 2006.
- LIMA, Ana Laura Araújo; SALOMÃO, Jacilene Marques. **Do Português Europeu Ao Português Brasileiro: Origens E Formação Histórica Da Língua Portuguesa**. Revista Pandora Brasil - Nº 52. Março de 2013. "Português brasileiro: algumas histórias" ISSN 2175-3318.
- LÓPEZ, Laura Álvarez. **"Saravá Zifui!": A integração do prefixo "ZI" em Afro-variedades do Português**. Cadernos de Estudos Linguísticos. (55.2) Campinas, julho/dezembro de 2013.
- LUCCHESI, Dante. **Parâmetros Sociolinguísticos do português Brasileiro**. Universidade Federal da Bahia/ CNPq. Revista ABRALIN, v.5, n.1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.
- MATTOS e SILVA, R. Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

- MELLO, Heliana Ribeiro. **Português padrão, português não padrão e a hipótese do contato linguístico**. In: ALKMIM, Tânia. Para a história do Português Brasileiro. Vol. III. São Paulo, 2002.
- PUZZINATO, Ana Paula. **A Presença De Africanismos Na Língua Portuguesa Do Brasil**. Trabalho de Graduação. Universidade Estadual de Londrina – UEL.  
In:<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf> Acessado em 18/06/17.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo. Companhia das letras, 1995.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.
- RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- SCHERRE, M. Marta; NARO Anthony. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- SOUZA RODRIGUES, Ulisdete R. de. Tese de Mestrado **Fonologia do Português Matogrossense: Uma Perspectiva Criolística**. Brasília, 1999.
- SPINA, Segismundo. **A projeção da língua com a expansão navegatória**. In: SPINA, Segismundo (org.). História da Língua Portuguesa. São Paulo: Ateliê Editorial. 2008, p. 294-300.
- TADDONI PETTER, M. Margarida. **A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?** In: ZIMMERMANN, Klaus. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Vervuet: Iberoamericana, 1999.
- YOSHINO, Julia T.; SOGA, Luciana; REIS, Marília; NAKASCHE, Raquel. **A influência das línguas africanas no português do Brasil**. Por Entretexos - [cje@usp.br](mailto:cje@usp.br) - Publicado em 01/08/2009. [http://www.usp.br/cje/entretexos/exibir.php?texto\\_id=90](http://www.usp.br/cje/entretexos/exibir.php?texto_id=90)

# APÊNDICES

Nos apêndices a seguir, apresenta-se a transcrição de trechos das entrevistas com os participantes da pesquisa de campo. Para marcar a continuidade do texto, as perguntas do pesquisador não serão transcritas, sendo apenas as respostas dos participantes.

<b>Grupo 1 – Graduados</b>	
<p><b>Entrevistado I – N. - Pedagogo</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Indígena, Africana, Árabe e Grego.</li> <li>2. Árabe: algarismo; indígenas: animais; alimentos: mandioca, Copacabana, maracanã.</li> <li>3. --</li> <li>4. Não sei os significados.</li> <li>5. Sim, nagô, acarajé e abadá.</li> <li>6. Bahia, Rio de Janeiro, o nordeste.</li> <li>7. Danças, abraços, toques.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado II – A. - Administradora</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não sei.</li> <li>2. Sim, mas não lembro.</li> <li>3. Estresse.</li> <li>4. Não.</li> <li>5. Não.</li> <li>6. Bahia? Pela colonização?</li> <li>7. Sim, corporal, danças.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado III – B. - Historiadora</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não sei.</li> <li>2. Acho que sim.</li> <li>3. Cafuné.</li> <li>4. Acho que significa “torcer a cabeça de alguém”.</li> <li>5. Existe sim, o cafuné por exemplo.</li> <li>6. Talvez a Bahia, por ter sido o local de principal desembarque dos escravos.</li> <li>7. Danças, por exemplo, sentido ritualístico, religioso. Através da expressão corporal afetividade, ancestralidade.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado IV – H. - Advogada</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não.</li> <li>2. Latim, Africano, Indígena, Francês e Inglês.</li> <li>3. Abajour.</li> <li>4. Não.</li> <li>5. Não.</li> <li>6. Bahia pela colonização.</li> <li>7. Sim, articulador, sorridente e isso vem da África.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado V – A. - Relações Internacionais</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Português de Portugal, Tupi e África,</li> <li>2. Indígena e Africana.</li> <li>3. Nome como jacaré, tupiniquim.</li> <li>4. Não sei.</li> <li>5. Não.</li> <li>6. Bahia.</li> <li>7. Não sei.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado VI – J. - Educador Físico</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Índios, Português de Portugal, Africanos e outros colonizadores como os Espanhóis e os Holandeses.</li> <li>2. Indígena, Português de Portugal, Francês, Inglês.</li> <li>3. Outdoor, show, abajour e acarajé.</li> <li>4. Possuem o mesmo significado.</li> <li>5. Sim, no dicionário gay, e outros como acarajé e mulambo.</li> <li>6. Bahia.</li> <li>7. Com certeza nas danças e na religião.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado VII – L. – Licenciada em Letras</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim.</li> <li>2. Tupi e Africana.</li> <li>3. –</li> <li>4. Mandioca que vem do tupi</li> <li>5. Não identifico, mas sei que tem.</li> <li>6. Bahia.</li> <li>7. Somos influenciados na dança e no jeito de falar. Não identifico as demonstrações de afeto.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado VIII – N. L Licenciada em Letras</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. União das línguas africanas, indígenas e do Português Europeu.</li> <li>2. Indígena e Africana.</li> <li>3. Tapioca e Buriti.</li> <li>4. Pipoca: grão de flor; Buriti: árvore que contém líquido.</li> <li>5. Batuque, denço.</li> <li>6. Região mais influente foi o litoral da Bahia e onde houve as formações de quilombos.</li> <li>7. Nas danças e demonstrações de carinho.</li> </ol>

<p><b>Entrevistado IX – B. - Educadora Física</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Português Europeu, africanos e Tupi.</li> <li>2. Sim, as já citadas.</li> <li>3. Kibundo Angola, senzala, quilombo, muvuca, moleque, acarajé, dendê, capoeira, berimbau, caxixi, maculelê.</li> <li>4. Não sei.</li> <li>5. Pela religião Umbanda, Candomblé, comidas típicas, vatapá, acarajé.</li> <li>6. Região do Nordeste.</li> <li>7. Sim, herdamos tudo da África, porque é um povo extremamente caloroso como a gente, na questão do cumprimento, desconheço outro país que abrace e beije com tanta facilidade como os africanos e os brasileiros. E a questão da dança, com certeza herdamos esse molejo da comunicação corporal.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado X – N. F. - Pedagoga.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim</li> <li>2. Através das outras culturas, chegada dos portugueses do Brasil, Portugal, Tupi e Holandês, África (Angola, Cabo Verde), Francês e Português de Portugal.</li> <li>3. Capoeira, acarajé, samba, comidas e palavras de outras etnias como abajour e soutien.</li> <li>4. A minha noção vem do contato que eu tenho com a religião, da parte da África (iorubá), mas bem superficial e também do processo cultural que acabamos carregando.</li> <li>5. -</li> <li>6. Região do Nordeste, mais especificamente a Bahia por conta da chegada da religião afro, onde temos os primeiros contatos dessa designação religiosa do país.</li> <li>7. As influências são mais vistas a partir do samba, da capoeira e do processo cultural que acabou ficando, não sei exemplificar, nem ver as demonstrações de afeto.</li> </ol>
--	---

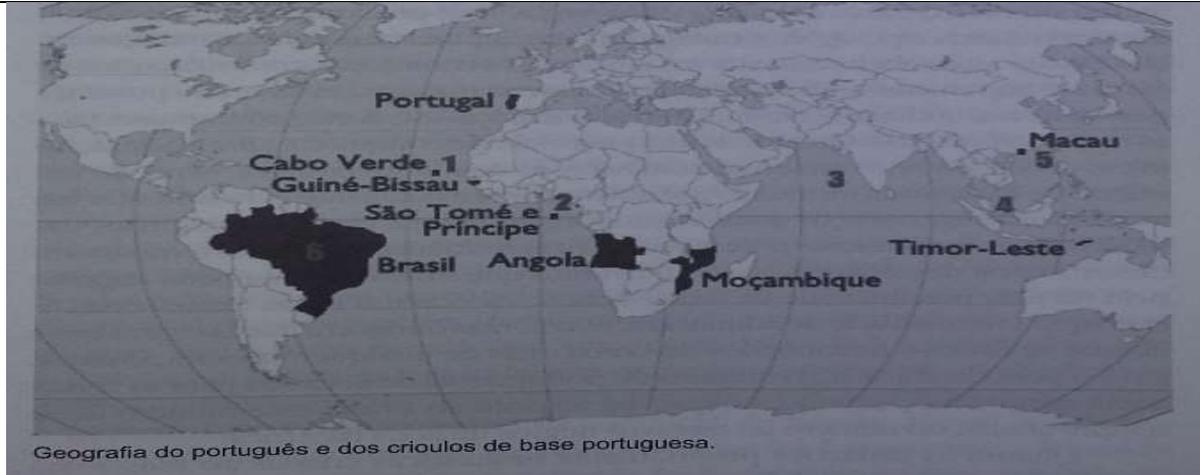
<b>Grupo 2 - Graduandos</b>	
<p><b>Entrevistado I – X. Recursos Humanos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não, mas o Português Europeu.</li> <li>2. Sim. Acho que o que mais influencia é o inglês.</li> <li>3. Na parte de informática é o que mais tem e o que mais utilizamos.</li> <li>4. Não lembro de nenhuma.</li> <li>5. Umbanda, Candomblé.</li> <li>6. Religião.</li> <li>7. Não.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado II – C. Ciências Sociais.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim</li> <li>2. Português Europeu e outros países do continente africano (França, Itália), houve uma mistura.</li> <li>3. Rapariga, pizza, macarrão, lasanha, croissant, abajour, abadá, acarajé, candomblé, axé.</li> <li>4. Acarajé: acará comida feita pelos escravos para yansã. Candomblé: junção de candum + ble que significa batuque/dança.</li> <li>5. Sim, pois sou do candomblé “ioruba”, obé (toca), axé (amém), motimbá (bênça), fora outros que denominam santos.</li> <li>6. Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, o Nordeste.</li> <li>7. Corporal: capoeira e danças. Atitudes de afeto acho que não temos influências</li> </ol>
<p><b>Entrevistado III – B. Recursos Humanos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim, da Europa.</li> <li>2. As outras eu não sei responder.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado IV – A. Administração</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Só sei que somos influenciados pelos nossos colonizadores, nada mais que isso.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado V – B. Administração</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim</li> <li>2. Português Europeu, línguas indígenas,</li> </ol>	<p><b>Entrevistado VI – I. Fisioterapia</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não sei bem, acho que do Espanhol com o Português Europeu.</li> </ol>

<p>dos negros, Grego e do Latim.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>3. Sim, virtude (grego+latim).</li> <li>4. Algo como o caminho do meio.</li> <li>5. Não identifico.</li> <li>6. Acho que é a Bahia, a religiosidade também nos trouxe muitas influencias. A população mais negra e os quilombos.</li> <li>7. Deve ter, com certeza, na nossa gramática e também na nossa forma mais calorosa de lidar com as pessoas e o nosso gosto e animação por grandes festas.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Existem muitas influências.</li> <li>3. –</li> <li>4. –</li> <li>5. –</li> <li>6. Bahia.</li> <li>7. Sim, nas danças.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado VII – R. Pedagogia</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tenho uma pequena noção.</li> <li>2. Sim.</li> <li>3. Maracujá e pipoca que são indígenas.</li> <li>4. Nordeste, a Bahia pela colonização.</li> <li>5. Sim, principalmente os nomes de comidas.</li> <li>6. –</li> <li>7. Com certeza, na nossa forma de comunicação, nossos trejeitos e a afetividade.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado VIII – R – Educação Física</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim, Português da Europa.</li> <li>2. Latim, Português Europeu e acho que as indígenas.</li> <li>3. Tapioca, axé, abadá, acarajé.</li> <li>4. Devem ter o mesmo significado que usamos.</li> <li>5. Não.</li> <li>6. Nordeste.</li> <li>7. Acho que somente nas danças.</li> </ol>
<p><b>Entrevistado IX – D – Física</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim.</li> <li>2. Sim, do Português Europeu.</li> <li>3. Show.</li> <li>4. Deve ser espetáculo.</li> <li>5. Não.</li> <li>6. Nordeste, por causa da imigração</li> <li>7. Não.</li> </ol>	<p><b>Entrevistado X – K – Economia.</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sim.</li> <li>2. Do Latim e do Português da Europa e acho que indígena.</li> <li>3. Tapioca, mandioca.</li> <li>4. O mesmo significado para as comidas.</li> <li>5. Não identifico.</li> <li>6. A região do Nordeste, pela colonização.</li> <li>7. Não vejo essas influências, talvez, um pouco na nossa forma de dançar.</li> </ol>

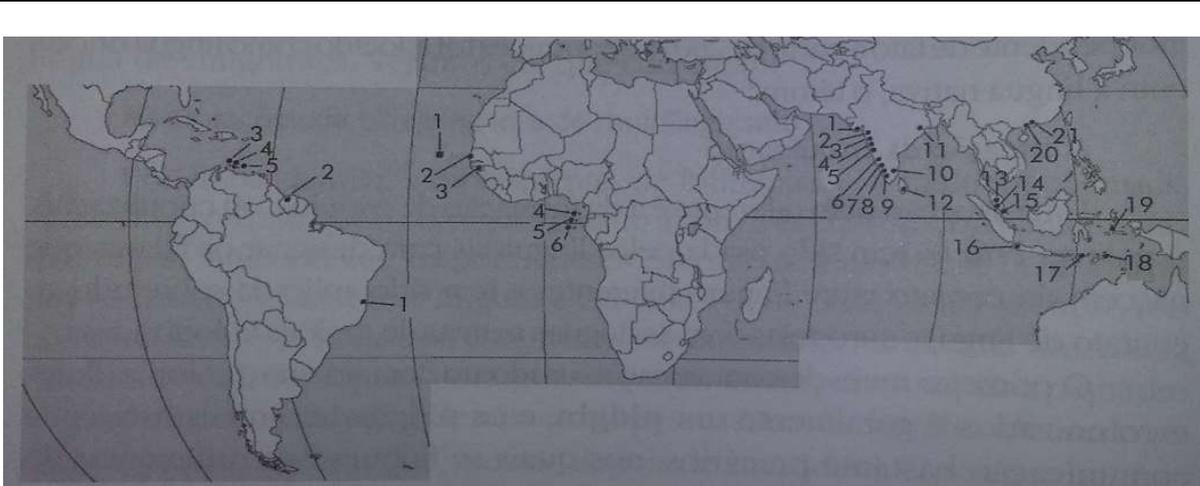
# ANEXOS

Fonte: O Português da gente.

## A difusão do português através das conquistas ultramarinas



## Mapa dos crioulos de base portuguesa



Crioulos do Brasil	Crioulos da Alta Guiné	Crioulos indo-portugueses
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Crioulo de Helvécia Crioulos com forte influência lexical portuguesa</li> <li>2. Saramacano (base inglesa)</li> <li>3. Aruba</li> <li>4. Curaçau, Papiamento (base Ibérica)</li> <li>5. Bonaire</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Cabo Verde</li> <li>2. Casamansa (Senegal)</li> <li>3. Guiné-Bissau Crioulos do Golfo da Guiné</li> <li>4. Príncipe</li> <li>5. S. Tomé (Santomense e Angolar)</li> <li>6. Ano Bom</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Diu*</li> <li>2. Damão</li> <li>3. Bombaim*</li> <li>4. Chaul* e Korlai</li> <li>5. Goa*</li> <li>6. Mangalor*</li> <li>7. Cananor*, Tellicherry e Mahé*</li> <li>8. Cochim* e Vaipim*</li> <li>9. Quilom*</li> <li>10. Costa do Coromandel*</li> <li>11. Costa de Bengala</li> <li>12. Sri-Lanka (Ceilão) Crioulos malaio-portugueses</li> <li>13. Kuala Lumpur*</li> <li>14. Malaca, Paplá Kristang</li> <li>15. Singapura*</li> <li>16. Java (Batávia e Tugu)</li> <li>17. Flores (Larantuka)</li> <li>18. Timor Leste (Bidau)*</li> <li>19. Temate*, Ambom* e Macassar* <i>Crioulos sino-portugueses</i></li> <li>20. Hong Kong*</li> <li>21. Macau*, Macaísta*</li> </ol> <p><b>*Extinto ou em extinção</b></p>

Glossário de termos relativos às línguas africanas	
<b>Banto:</b>	famílialinguística africana à qual pertencem as seguintes línguas: quicongo, quimbundo e iorubá, e que faz parte do tronco niger-congo.
<b>Eve (ou jeje):</b>	língua africana pertencente à família cua, falada em algumas regiões do Benin e da Nigéria.
<b>Fon:</b>	língua africana pertencente à família cua, falada em algumas regiões do Benin e da Nigéria.
<b>Iorubá:</b>	língua africana, também conhecida como nagô, pertencente à família banto, falada em algumas regiões de Todo, Benin e Nigéria.
<b>Cua:</b>	família linguística africana à qual pertencem as seguintes línguas: eve, fon e mai, e que faz parte do tronco niger-congo
<b>Mai (ou mahí):</b>	língua africana pertencente à família cua, falada em algumas regiões do Benin e da Nigéria.
<b>Quicongo:</b>	língua africana pertencente à família banto, falada em algumas regiões da República Democrática do Congo, do Congo e de Angola.
<b>Quimbundo:</b>	língua africana pertencente à família banto, falada em algumas regiões da República Dominicana do Congo, do Congo e de Angola.



Quadro 1: Fonemas vocálicos do português brasileiro						
	(anteriores)		centrais		Posteriores	
	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.
	alta		i I		U Ū	
	média-alta		e		o	
	média-baixa		ɛ	ɐ	ɔ	
baixa			a			

Adaptado de Cristóvão Silva (1998).

Quadro 2: Fonemas consonânticos do português brasileiro.							
		bilabiais	labiodentais	dentais	alveopalatais	palatais	Velares
oclusivas	surdas	p		t			K
	sonoras	b		d			g (galo)
fricativas	Surdas		f	s	ʃ		R(rosa)
	sonoras		v	z	ʒ		
nasais	(sonoras)	m		n		ɲ(vinho)	
semivogais	(sonoras)			l		ʎ (velha)	w (réu)
				r (caro)		j (pai)	

<b>Quadro 3: Exemplos de prefixos produtivos no português brasileiro de hoje.</b>		
	<b>Prefixo</b>	
ético, político, séptico	a-	aético, apolítico, asséptico
terrorismo, ecológico, insurgência, social	anti-	Antiterrorismo, antiecológico, anti-insurgência, antissocial
ilusão, fazer, bloqueado, serviço	des-	Desilusão, desfazer, desbloqueado, desserviço
seminarista, campeão, senador	ex-	Ex-seminarista, ex-campeão, ex-senador
popular, preciso, segurança	in(m)-	Impopular, impreciso, insegurança
moderno, parto, operatório	pós-	Pós-moderno, pós-parto, pós-operatório
lavagem, encolhido, adolescente	pré-	Pré-lavagem, pré-acolhido, pré-adolescente
montar, embalar, marcar	re-	Remontar, reembalar, remarcar
aquecer, mercado, produtivo	super-	Superaquecer, supermercado, superprodutivo
pizza, galetto, massa	disque-	Disque-pizza, disque-galetto, disque-massas
mercado, aquecimento, seguro	hiper-	Hipermercado, hiperaquecimento, hiperseguro
delegado, prefeitura, empreitar	sub-	Subdelegado, subprefeitura, subempreitar

<b>Quadro 4: Exemplos de sufixos produtivos no português brasileiro de hoje.</b>		
<b>Classe gram.</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Classe gram.</b>
adj./ subst. péssimo/ marx	-ismo	subs. /subs. pessimismo/marxismo
subst. Hitler	-ista	adj. Hitlerista
subst. doutor	-ando	subst. Doutorando
subst. fedor	-ento	adj. Fedorento
subst. respeito	-ável	adj. Respeitável
subst. /adj. cabeça/ boa	-udo	adj. cabeçudo / boazuda
subst. /adj. gol/bonito	-aço	subst. /adj. golaço/bonitaço
subst. frescura	-ite	subst. Frescurite
subst. economia	-és	subst. Economês
subst. livro	-esco	adj. Livresco
subst. chuva	-arada	subst. Chuvarada
subst. /adj. Google/amarelo	-ar	verbo googlar/ amarelar

<b>Tabela 1: distribuição populacional por etnias no Brasil</b>					
	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
africanos	20%	30%	20%	12%	2%
negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
brancos brasileiros	-	55%	10%	17%	24%
européus	30%	25%	22%	14%	17%
índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%